

# *Caminhos de Purumé*



Regina Loureiro

# *Caminhos de Purumê*



Vitória, ES - 2012

© 2012 - Todos os direitos reservados. A reprodução de qualquer parte da obra, por qualquer meio, sem autorização da editora, constitui violação da LDA 9.610/98

Ilustrações e Pinturas  
Regina Menezes Loureiro  
loureiro@tribunaonline.com.br

Revisão  
Tânia Canabarro

Capa e Editoração  
Edson Maltez Heringer  
edsonarte@terra.com.br | (27) 8113-1826

Impressão  
GM Gráfica e Editora  
gmgrafica@gmgrafica.com.br | (27) 3323-2900

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

L892c Loureiro, Regina Menezes  
Caminhos de Purumé / Regina Menezes Loureiro. – Vitória: GM Editora,  
2012.

96p. ; il.

ISBN 978-85-8087-051-0

1. Contos brasileiros. 2. Poesia brasileira. 3. Literatura brasileira – Espírito Santo (Estado). I. Título.

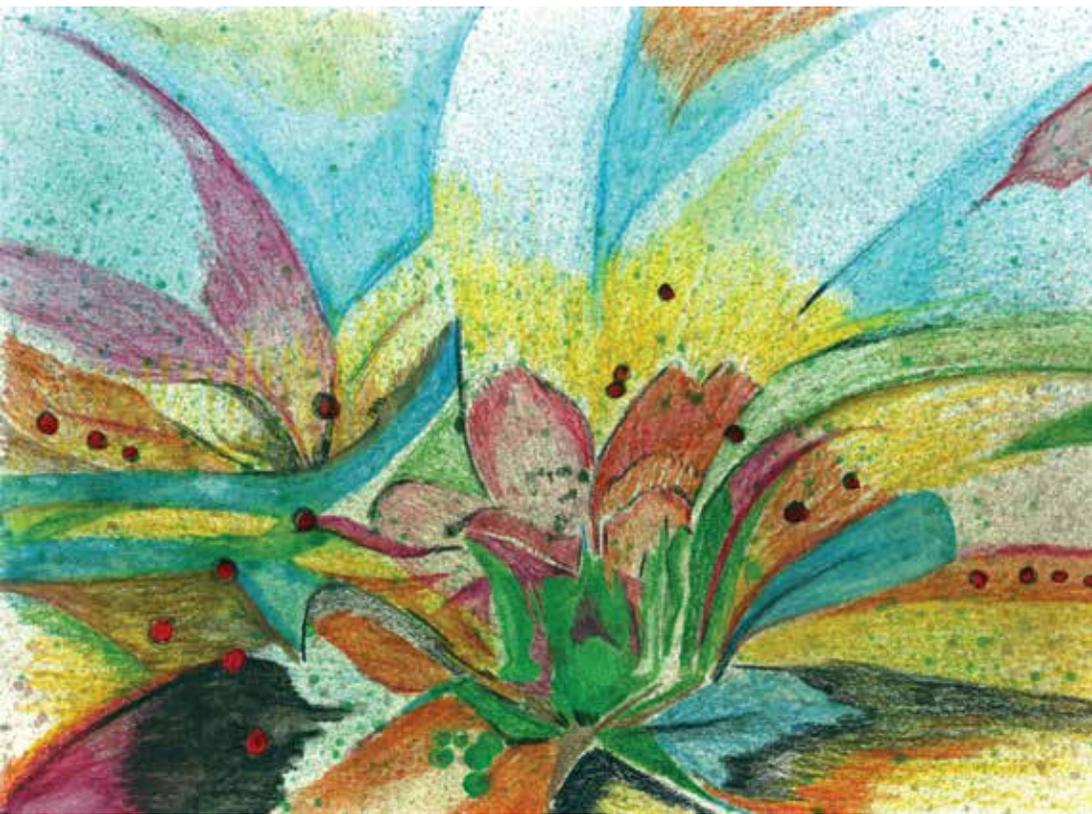
CDU: 821.134.3(81)-34

1ª Edição - 500 exemplares | © Regina Menezes Loureiro, 2012

*Aos habitantes da Cidade Presépio e a todos  
com quem convivi os bons momentos da vida.*

*Vós pouco dais quando dais de vossas posses.  
É quando derdes de vós próprios que realmente dais.*

*Kahlil Gibran*



*Rosa floresce  
no lixo ou na campina.  
Por mãos divinas.*

## Prefácio

Há alguns dias recebi honroso convite, qual o de prefaciar a obra “Caminhos de Purumé”, da escritora Regina Loureiro. E eis que à honra da distinção somou-se o agradável de exercê-la, dado o caráter único deste livro.

A quem imaginar seja esta apenas mais uma daquelas obras escritas a bico de pena, recomendo que não vire a página. Antes, o de que aqui se trata é de escrito forjado com o coração, verdadeira expressão de uma alma que se diz triste – mas de cujas entranhas brota uma mensagem tão serena quanto profunda de esperança na vida.

De Purumé e suas aventuras, inevitável recordar-se imorredouro lamento fruto da pena brilhante de Manuel Bandeira, testemunhando que viu um bicho,

*Na imundície do pátio,  
Catando comida entre os detritos.  
Quando encontrava alguma coisa,  
Não examinava nem cheirava.  
Engolia com voracidade.  
O bicho não era um cão,  
O bicho não era um gato,  
O bicho não era um rato.  
O bicho, meu Deus, era um homem!*

Sim, esta miséria humana tão bem retratada pela autora, inserindo na personagem Purumé angustiante dedo indicador apontado na direção de cada um de nós, ao gritar ser

*Profissional que trabalha  
Pel as ruas de Vitória.  
Vivo dos restos e migalhas  
Deixados por você, no lixo.  
Nos lixões encontro sustento,  
Cuido de viver.*

O linguajar é suave, poético até. Mas não deixa escapar, sequer por um átimo, o cruel de uma realidade que nos passa como que despercebida, rotineira que passou a ser.

E é assim, com suavidade ímpar, que a dura vida de Purumé vai sendo narrada sob pano de fundo da Cidade Presépio – um narrar fascinante, dado mesclar as belezas de Vitória com o brilho de uma poesia concebida sob tema tão árduo. Este contraste, por si só, vale o livro!

A fusão do cenário com os personagens chega às raias do tocante, em certos trechos. Que dizer, por exemplo, da cena pungente de Purumé selando eterna aliança com Bacate, um ser igualmente abandonado e carente de amor, enquanto “o Penedo, todo branco de luz como um sudário divino, sempre vigilante na entrada da baía de Vitória, abençoava esta nova amizade”?

Eis aí, e há que se acentuar tal aspecto, magistral arranjo de cenários e personagens, induzindo de forma tão sutil quanto eficiente aquilo que mais tem de escasso o homem moderno: o meditar sobre a realidade deste mundo!

Ora, onde a cidade que fizemos bela, com tantos Purumés às vistas? Onde nossa humanidade, quando o exemplo maior de fidelidade vem dos animais? Onde o futuro desta terra, quando Purumé o busca pelas latas de lixo?

De nada disso somos culpados, mas por tudo isso somos responsáveis – eis aí, sem rodeios, um tema ao qual não pode se

furtar o mais peço dos bestuntos. E a ele chegamos, com beleza e suavidade ímpares, pelas letras saídas do coração da autora.

A ela o verso gracioso de Castro Alves, abençoando o que semeia livros... “livros à mão cheia e manda o povo pensar! O livro caindo n’alma é gérmen – que faz a palma, é chuva – que faz o mar”.

*Pedro Valls Feu Rosa*



*Homens nascem iguais:  
sujeitos às mesmas paixões  
e aos mesmos ideais.  
Todos têm igual direito.*

## Palavras da Autora

*Soltei feras em meus sonhos,  
senti a eterna inquietação  
do meu destino humano.  
Contemplei o inverno da aflição,  
provei o pão da dor. Insano,  
sorvi o vinho da miséria,  
viajei mundos imundos  
sem nunca ter ido a lugar algum.  
Sinto-me sobre montes de folhas  
a farfalhar junto com elas.  
Imaginei atingir a perfeição.  
Não tenho compromisso  
com minhas ideias,  
busco a verdade eterna.  
Todo sonho encerra,  
no jeito de estar sempre a partir,  
o mistério da eternidade?  
De flores, enfeitei capelas.  
O sol bateu cheio na imaginação,  
pintou de anil, tudo azul.  
Minha alma quis migrar.  
Sem começo e sem fim,  
minha alma é como o mar  
e meus sonhos são mensagens  
de naufragos, assim,  
tombados em sulcos  
de verbos impossíveis  
e de viagens exaustivas,*

*passagens sem fim,  
onde os poemas,  
misericordando minha história,  
são plenos de luas.*

Ao ler este livro você vai entrar no mundo dos meus sonhos. Ao abrir a porta que tranca minha alma triste, ouvirão o silêncio que fala da fome do outro dia e que se esconde depois da excessiva noite de muitas horas. Só a palavra escrita tem o poder de materializar sonhos invisíveis, pedaços de mim que me atenazam, mas não posso acalmar. Duvido que consigam invejar alguma veracidade neste trabalho que analisa a vida pessoal e social de um cidadão comum que enfrenta grandes dificuldades para sobreviver: a falta de emprego, a carência de moradia, a deficiência na saúde pública, a precária situação das escolas, a violência nos grandes centros... e o desgoverno dos governos que não conseguem entender que a urbanização é processo irreversível.

As políticas públicas devem aceitar o crescimento urbano como aliado para que as cidades cresçam de forma sustentável.

Queremos indagar, por exemplo, se a falta de emprego, a carência de certos bens materiais lesionam a dignidade da pessoa humana.

Há coisa pior do que a alma da gente em nada?

Viver e estar sempre a partir?

Com tanta saudade e a vida acabando em uma cidade de milhões de habitantes?

Mas Purumé vê a cidade do futuro que vem nascendo. Ele não perde o amor pela vida, pela natureza, pelo ser humano...

O amor que é irmão da felicidade é tema central e reside no cuidado com as plantas, com os animais, com a criança, com o idoso. A bondade é fortaleza que compreende e perdoa.

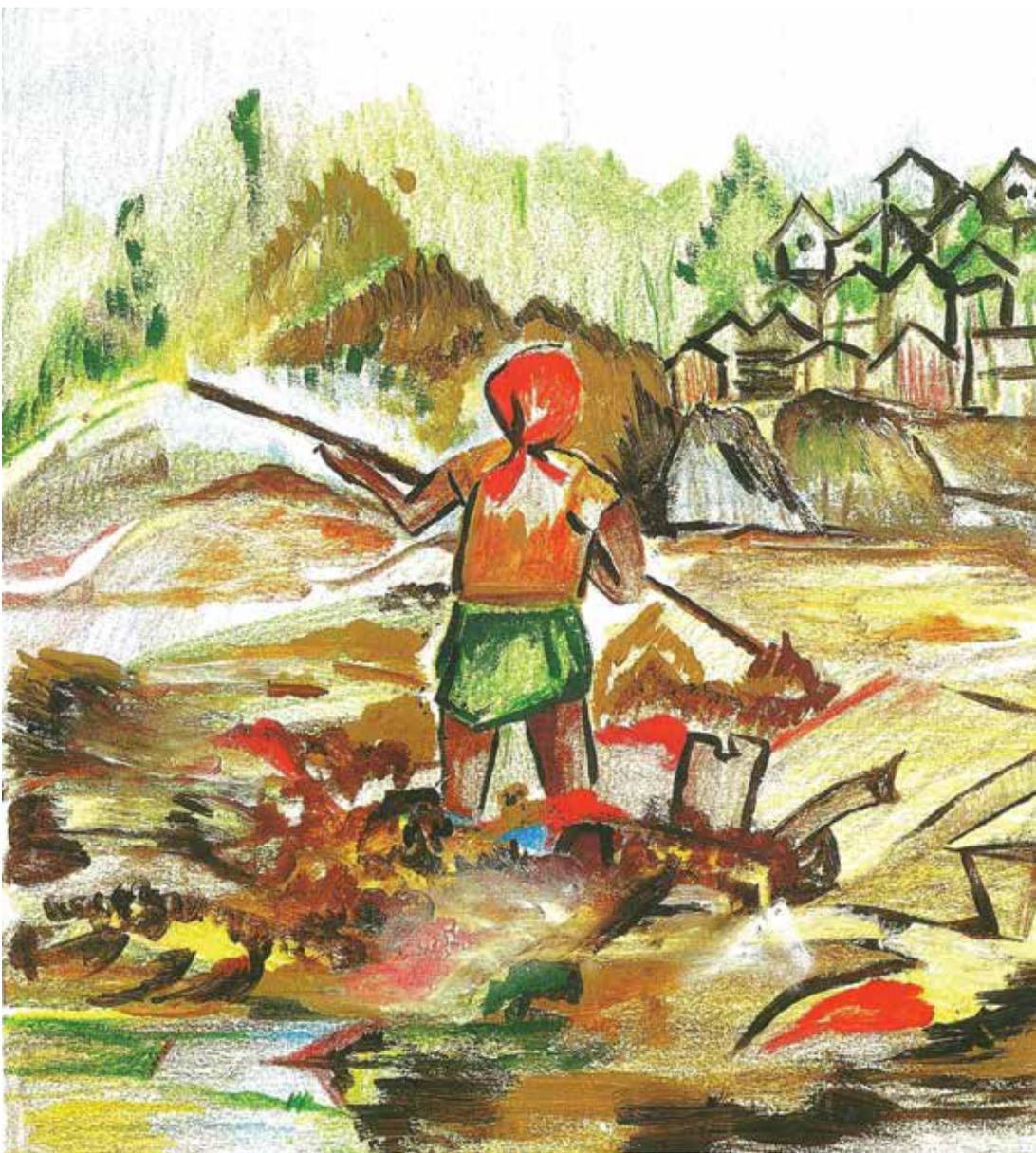
Usando a ficção que é Purumé, procuro transmitir uma realidade comum em toda sociedade que se diz moderna: a miserável vida de seres humanos que trabalham no lixo. Apesar das diferenças e carências sociais, alguns vivem honestamente, sem perder a poesia e sem se afastar do belo, valorizando o pouco que a vida ainda lhes oferece. Vivendo em contato com a realidade concreta, sentindo seus cheiros, cores, frios, calores, valores, pesos e medidas, pressões e contradições, nosso personagem analisa cenas e atitudes, transmite, com visão singular e privilegiada, o outro lado da existência que teimamos ignorar.

É como Purumé mesmo diz:

*Meu pé nem sente mais  
o macio da verde grama.  
Minha mão não sustenta mais  
o lápis no papel, tão somente.  
Não lembro meu nome,  
não conheço parentes,  
nem sei em que terra nasci.  
Mas meu coração bate e se comove  
com toda beleza que percebi  
no chilrear de pássaros,  
no entardecer na Beira-Mar,  
com a morte, com o nascimento.  
Sou profissional que trabalha  
pelas ruas de Vitória,  
vivo dos restos e migalhas  
deixados por você, no lixo.  
Nos lixões encontro sustento.  
Cuido de viver.  
Nada existe de novo,*

*no zumbido surdo, atordoente,  
de asas sôfregas, desconhecidas  
da Terra que precisa  
de cuidados e compaixão.  
Este é o pensamento,  
o sonho belo deste que dorme,  
não sobre as penas do colchão.  
É o sonho mais belo  
de quem, adormecido no chão,  
sonha com uma nova ética:  
buscar o que há por detrás  
dos estreitos horizontes,  
para a Terra não morrer.  
E eu fico a duvidar:  
Será que depois de muito caminhar  
em algum lugar vou chegar?*

*A autora*



*Esperar por tempos melhores não pode ser um sentimento.  
Deve ser dedicação ao trabalho no presente.*

## Introdução

*Se de todo é imposto,  
eu me apresento:  
– Sou Das Dores!  
Não sei se Das Dores é nome,  
ou se das dores é o meu viver.  
Vivo vidas que não a minha,  
sou pedaço de mágoas,  
medida de perdão.  
Diante da cortina da vida,  
sou hesitante.  
Por todos os caminhos do amor,  
sou cambiante.  
Quero voar por este céu,  
em prenúncios de ocasos,  
sempre confiante.  
Sem notar o chão úmido,  
retocando aqui,  
esbateando ali,  
quero ser pássaro  
vivo, cantante.  
Quero lutar,  
romper grilhões  
sem gritos,  
sem uivos  
ou poemas malditos.*

Estou sempre tentando me equilibrar. Busco meu caminho naquilo que me diferencia. Como todo ser humano o que desejo

é ser aceita pelas pessoas mais próximas, pelos grupos aos quais pertencço e pela sociedade em geral.

Quando criança, encontrei um mundo “pronto” numa família substituta. Eu me esforcei para entendê-la e me encaixar nele, juro.

Eu era onda na praia deserta, tentando me agarrar em areias escaldantes.

Amo esta minha nova família.

Nunca quis que sofressem por minha causa. Mas a sociedade nos impõe o que é positivo e negativo e o que fazer para sermos bem aceitos. No momento em que comecei a procurar o meu caminho exclusivo, próprio, minha energia passou a se concentrar no aprendizado de como me ajustar às expectativas sociais dessa família substituta.

Na escola era proibido fumar, mas todo mundo fumava escondido perto do portão. O pessoal achava legal só porque era proibido. Ficávamos lá para “pagar de rebelde”. De repente, percebi que nosso grupo de amigos se juntava e começava a beber nas baladas. Aí, foi toda a galera. Cada um tomava pelo menos uma dose e começava a achar normal.

Em pouco tempo, as drogas faziam parte do meu universo jovem. Conheci todos os campos de batalha do espírito e neles queria permanecer. Nestes momentos, o pensamento transformava-se em irrupção desordenada, fuga, divertimento e abandono. Pessoas transformadas em animais morriam à toa.

E as alucinações auditivas?

A força se resvalava para o vício. Achava que era um espantelho cheio de feiúra e vergonha. Gostaria de me disfarçar, de me mascarar mesmo, para alterar minha aparência, para o mundo não me conhecer.

No início da idade adulta, quando as pessoas definem e experimentam as primeiras escolhas, tanto as profissionais como

as afetivas, comecei notar que não conhecia espaços de minha personalidade que poderia usar para conquistar um trabalho, para construir e manter uma família. Não conseguia definir as metas, nem expressar com clareza meus desejos. Enfim, não sabia como me tornar uma pessoa com luz própria.

Minha alma curiosa de perfeição, como menino travesso, ávido de esquadrihar assuntos de outrem, um eterno procurar transformou minha vida. Não possuo a retórica dos sofistas gregos, nem a coragem dos cavaleiros andantes. Uso todas as formas de reflexão para me convencer de que meus semelhantes são vítimas e não algozes das circunstâncias.

Sei que não é suficiente uma simples observação para tomar conhecimento das circunstâncias reais do próximo. Também reconheço que se não me sinto completamente feliz com os relacionamentos é porque não me mostrei totalmente, não libertei preciosos trunfos e habilidades ocultas que existem dentro de mim. Eu sei que sou capaz.

Isto dava tanto trabalho e criava tantos conflitos interiores que me faziam sofrer. Precisava conhecer minhas potencialidades.

Sonhos?

Então vejamos. O que eu gostaria de fazer?

Pintar um quadro a óleo? Não! Será absurdo copiar.

Ser professora? Não é bem isto que eu quero, apesar de gostar muito de crianças.

Pessoa de gostos simples, eu gosto de lidar com pessoas e com desafios.

Talvez possa comprar e vender coisas velhas.

Preciso dar tempo para uma causa merecedora. Só assim serei recompensada.

Para não magoar pessoas que amo, larguei tudo e comecei a andar pelas ruas da cidade. A princípio, sempre voltava para pas-

sar a noite junto com a família. Depois desaparecia por semanas à procura de ocupação e respostas para meus ais. Perdi a noção dos dias, meus pés se tornaram grossos, não sabia de onde vinha ou ia. Dormia em terrenos baldios, debaixo de marquises ou pontes, comendo em lata de lixo.

Um dia...

Na rua passei a observar as pessoas, as coisas, tudo. Comecei a me interessar pelo trabalho dos vendedores de rua, dos flanelinhas donos do pedaço, dos catadores de papel. Esta talvez a profissão mais impressionante para uma pessoa interessada em conhecer pessoas e se autoconhecer.

E com a história, a literatura, a poesia e os sermões religiosos que cada personagem da vida me transmitiu, continuo aprendendo mais que nos bancos da escola.

Ao me colocar na posição de outra pessoa é que compreendi melhor meu semelhante e esses momentos valeram muitos passos em minha vida.

Zelosamente prestei atenção às mensagens que recebia. Quero aceitar tudo o que a vida me oferece e dedicar cada minuto dela à perfeição de minha alma.

Serei o que tiver de ser. Farei cada pequeno trabalho que aparecer, sem importar com o valor do pagamento.

Não serei impaciente com a demora nem dedicarei meu tempo à desforra.

Se meu espírito livre se revela e comanda, nada me detém nem me desbanca.

Se infortúnio desabar sobre mim, será dissipado pela harmonia divina.

Como o rio que busca o mar enfrentando abismos e despenhadeiros, serei o que tiver que ser.

Pus-me a caminhar pelas ruas da cidade. Ruas movimenta-

das, pessoas apressadas, asfalto derretendo. Após muito tempo, eu me observei. Minhas roupas simples estavam gastas e sem cor, os calçados velhos mal protegiam meus pés encardidos, cansados. Caminhei, sonhei. E sem nenhuma preocupação em arrumar devidamente os cabelos, caminhei errante. Nada encontrei... chorei.

Nem sei quantas vidas vivi!

Cheguei até à Praia do Suá. Um Pronto-Socorro do bairro estava fervilhando. Expressões preocupadas, mães desesperadas, pais aflitos.

A ideia de ver pais, crianças ou pessoas amadas morrendo prematuramente, quando um médico ou um bom hospital podia salvá-los, sempre me assustou.

Muitas vezes a escuridão se fez presente, que nem lança afiada, transformando sonho em pesadelo.

Fugi.

Perto dali, pescadores vendiam seus peixes.

Um catador de papel me chamou a atenção. Catava lixo com cuidado e o arrumava em seu carro. Não olhava para os lados. Em seu carrinho estava escrito: *O Senhor é Fiel*.

Circunspecto, executava seu trabalho com o cuidado de nada se perder. Escolhera um lugar sem movimento de pessoas para tornar mais perfeita a arrumação das caixas, das latas, do papelão. Depois de ter dado o melhor de si, mais uma vez analisava o conjunto e sorria de satisfação. Parecia que nada o incomodava. Nem a humildade de seu trabalho, nem a ocupação das pessoas ao seu redor.

E o mundo girava ao seu redor.

Eu o segui por um longo percurso. Confesso que me emocionei vendo-o tão absorto em seu labor. Nem percebeu que eu o seguia.

Era um jovem senhor, alto, forte e até bonito, apesar de seus trajes encardidos, mãos calosas, pés descalços.

Eu o segui de longe por um longo tempo.

Seus braços fortes, a força que dispunha para realizar o trabalho e, principalmente, a segurança que me transmitia.

Perplexa, necessitava de tempo para processar tanta emoção.

O que fazer quando as paredes desmoronam?

Parecia existir um ímã suficientemente afastado de um monte de pó de ferro. Não consegui me mover, nem decidir.

Voltei para minha família. Sem me alimentar, adormeci.

No dia seguinte, voltei a procurar o homem do carrinho. Quanto mais eu o observava, mais eu me sentia atraída por suas palavras e pelos seus exemplos. E ele nem me notava, mas eu estava encantada com a postura daquele homem que catava papel nas ruas.

Não me decidia me afastar daquele ímã, porque minha vida ficaria ainda mais sem sentido, intocável. Se não me aproximasse nunca conheceria a capacidade desta atração magnética.

É isto que eu quero!

Com a mente tomada de medos e emoções, eu o segui anonimamente. E assim eu o acompanhei por muitas e muitas vezes. Quanto mais eu o seguia, maior sentia seu poder, seu magnetismo.

Certa feita eu o ouvi contar. Ele tinha uma vaga consciência de ter saído de um hospital. Só se lembrava do rosto apreensivo da enfermeira que o vira fugir. Mais tarde, fiquei sabendo seu nome: Purumé.

*E assim vai o pequeno barco,  
um barco feito coração,  
perdido na vida e tão perto,  
repleto de emoção.  
Carrega o dia incerto,  
impreciso, concreto.*

*Procura domar a vida,  
entre pedras do deserto.  
E eis a forte chama  
a embaçar a grande lua.  
E no meio da praça  
ou no meio da rua,  
eu me calo agora,  
em qualquer lugar  
para atenta ouvir,  
Purumé falar.  
O cobertor ainda é meu escudo,  
protege meu rico carrão,  
meu corpo, vergonha, tudo.  
Meu abrigo ainda é a rua  
e o lixo, meu ganha pão.  
Mas decidido vou à luta  
quero conquistar até a lua.*



Adorei a oportunidade de contar minha história, parece até ficção. Mas o que eu quero mesmo é escrever memórias que fossem a salvação de todos os moradores de rua.

## Histórias de Purumé



Não me lembro do meu nome. A última voz que ouvi, ao ser internado, foi a do enfermeiro que justificava meu estado de torpor:

- É PURUMÉ!

E assim fiquei conhecido.

O que eles pretendiam era que eu ficasse naquela clínica por mais tempo para me curar do vício. Tomavam-me como um doente de difícil recuperação. Mas eu já estava terrivelmente entediado, absolutamente exausto. Só podia mesmo ser doença aquela tristeza, aquele recolhimento obrigatório a que me submeteram.

No corredor do Pronto-Atendimento, a solidão do mundo, nada de atendimento. Naquele enfermaria de hospital era um pessoal quase morto ao meu lado que me aterrorizava. E eu já sem forças não conseguia dormir com aquele sujeito, delirando em febre, que esbravejava dia e noite ao meu lado, pedindo socorro.

Eram medonhos os gritos do sujeito pedindo remédio para dor.

Ninguém?! Nenhuma assistência ao infeliz.

Que Deus o proteja!

Até que não aguentei mais. Há muito acalentava planos de fugir. Não podia mais ficar ali.

– Eu me dei alta!

O médico protestou, mas nada pode fazer.

Fugi.

Com marcha indolente, caminhei pelas ruas da cidade ainda enjoado com a fumaça dos carros e o cheiro de vida que exalava das pessoas, coisas e comidas nas barraquinhas da praça.

Impossível disfarçar as manchas e vincos da minha pobre roupa.

Senti fome.

Era começo de tarde. Figuras desbotadas ressurgiam e ganhavam nitidez em minha mente.

Eu cá encolhido em meu canto e o sol ainda brilhava reproduzindo edifícios em sombras alongadas. Apesar do calor, eu deixava o tempo correr e ainda sentia arrepios de frio. Levantei a gola e pus as mãos entre as coxas.

A fome apertava. Comi restos de sanduíche nas Americanas.

Apesar de tudo, a sensação de liberdade era muito reconfortante. A cabeça ainda me doía um pouco. Sentia-me como se voltasse a ser um pouco mais jovem e passasse a viver em outro mundo. Era como se algo maravilhoso começasse a acontecer.

Tudo à distância sobressaía num pálido debuxo. Caminhante errante, perdido em pensamentos, não via a hora passar. Fitava por horas a fio o mar que se quebrava nas pedras. Maré cheia respingando na rua. Quando a lua no horizonte veio dourando a paisagem, eu pensava na morte da bezerra.

Minha vida era um palco iluminado, agora sinto fugir-me a esperança.

Não tenho coragem de nada fazer, vivo de esmolas. Será que mereço tudo que passei?

Agora até as árvores perdem a cor e as sombras comprometem minha existência.

Vitória é pequena ilha. Não é mais tranquila como no tempo do Tatagiba, não lhe cabe mais ser chamada de Ilha da Nostalgia, mas ainda podemos apreciar suas lindas praias, sentir o frescor do clima de suas montanhas. A poluição já chegou aqui. É gente para tudo que é lado, que nem formiga trabalhadeira. O dia todo como se fosse festa.

Vitória é cidade hospitaleira e recebe com satisfação os amigos e visitantes.

Vida de cachorro esta que se tem que trabucar a vida! Esperei tanto tempo para ver o por do sol! Tem pena de mim, Vida. Aonde estamos indo, Vida, se não antevejo a Cidade do Futuro?

*Último instante do meu despertar,  
o orvalho tomba, perto de mim,  
espinhos gelados ferem o peito  
verga nova flor no jardim.  
Chega o sol, num sorriso só  
a iluminar meu rosto triste de agora.  
O tempo passando,  
passarinho baixando canto*

*e eu matutando,  
a tristeza crescendo,  
a paz cobrindo o mundo  
e os pássaros com o mesmo cantar  
e o poeta pensando  
sobre o mistério da vida.  
Uma voz desconhecida me diz:  
– Avante, meu amigo.  
Covardia é parar!*

## Quando o vi pela primeira vez

Enquanto o tempo passava, eu, Das Dores, seguia meu caminho errante, mas sabia onde encontrar meu amigo. Ainda sem ser notada, sempre retornava para ouvir suas histórias. Quando a tarde caía, lá estava ele, carrinho lotado, agachado na calçada, aguardando a vez para vender seu lixo. Era nestas horas que divulgava sua história. Tinha o hábito de falar e eu de escutar calada.

Assim, sempre ali, eu ouvia Purumé, atenta:

– Por longos anos, Vitória, cidade menina, esbanjava inocência. Hoje sapatarias, bancos, shoppings por todos os lados. Até este canto de rua não é mais sossego.

Purumé continuava:

– Comecei a meditar sobre o mistério da vida enquanto realizava meu trabalho e percebi que a morte também é um mistério da vida. Há um reino além de tudo o que vemos. Para entender a morte, é preciso descortinar o segredo da vida. Morrer não é parar de respirar, é se expandir, se libertar e procurar Deus livremente.

Quando caminho pela cidade, transportando lixo em sacos ou carroça, estou colaborando com a sociedade e lutando por minha sobrevivência. Mas dá tão pouco!

Se tivesse um carrinho... a coleta seria maior.

Acredito na voz do Infinito, que ressoa há séculos e traça o caminho por onde devo caminhar. Trabalho e confio. Uma lata aqui, um papelão acolá...

As rosas e os lírios florescem sem escolher jardim. Florescem para continuar a viver porque reter é morrer. Ofertar é viver eternamente. A sombra da árvore à beira da estrada é para qualquer viajante, e o amor da mãe de Judas não é menor que o amor de Maria por Jesus. O amor do Pai não faz diferença entre os filhos! Por isto confio.

Olhem o mar!

Sou como um navio que singra ondas em direção ao oriente e se perde no horizonte. Sinto que um lado meu já morreu. Penso que sou o lado que morreu. Está tudo vazio, está tudo parado. Não sei de onde vim, mas sinto que conheço esta cidade!

*Vitória, Cidade Presépio  
que a todos seduz,  
cidade sol de eterno verão,  
mistura de classes e raças,  
espaço curvilíneo em segredos  
que os segredos do mundo abraça,  
em mistério que acalma e consola,  
e que verso algum traduz.  
Na praça do Papa  
a imensa cruz branca da Paz,  
curvada em prece suplica  
graças para o povo capixaba.  
Na entrada da baía o Penedo,  
os canhões do Forte São João  
enfeitam o retrato dos ipês  
vestidos de festa da cabeça aos pés,  
e se pintam de rosa amarelo  
nos jardins da Costa Pereira.  
Do alto da penha, a Virgem  
nos protege, em nome de Jesus.  
E eu aqui, sob as cinco pontes negras,  
sinto que Jesus, real e fascinante,  
pode habitar meu coração.*

Os intelectuais da ilha sabem que a beleza deve ser nosso caminho, nosso guia. A beleza está na eternidade de um poeta, na importância de criar, no prazer de doar. A cidade do futuro está acenando.

Reverencio as ausências de Otinho e de Meio Fio pelas ruas da cidade. Homenageio a persistência calada da Domingas, a precursora dos catadores de papel, a simpatia casadoira de Marinita da antiga lanchonete Bob's, os destemperos de Peixinhos do Mar.

Nos encontros de intelectuais, das calçadas do Parque Moscoso ao calçadão da Costa Pereira, todos conheciam Otinho, o poeta da Rua Sete. Muito falante declamava versos que fazia para sua amada. Gostava de entrevistar pessoas e fazer galanteios que assustavam as moças bonitas da cidade. Como um verdadeiro intelectual, levava sempre um jornal debaixo do braço. Ora, à socapa, trazia consigo um livro e lia, lia... Tinha sempre caderno e lápis e também escrevia poesias para a Rosa, sua amada, sempre que a inspiração chegava. Rosa desfilava florida e bem arrumada de braço com seu amado. Dizem que moravam juntos no final da Rua Sete de Setembro. Otinho gostava muito do Rio de Janeiro. Às vezes sumia e depois dizia que estava na Cidade Maravilhosa.

*Sabedoria à flor da pele,*

*gostava de poetar.*

*O poeta da Rua Sete*

*era tipo popular.*

*Falava que nem o povo,*

*versava como ninguém:*

*– Uma rosa é uma rosa*

*Uma flor é uma flor*

*Não existe um só jardim*

*Quando se fala de amor.*

*Lembro-me desse seus versos,  
sua obra mais popular,  
cantados pela Piedade  
em outros carnavais.*

Os pequenos grupos na confeitaria Bob's, na Rua Sete, as fofqueiras das esquinas da Graciano Neves, as meninas e os rapazes, que ficavam nos passeios pela calçada da Praça Oito, são os que põem a cidade em movimento.

Pelas madrugadas, quando a insônia castigava e o sono fugia, era nas cadeiras do Britz Bar que os jornalistas viam o sol nascer. Milson Henriques dizia que o Britz era como pessoa feia, sem educação, vulgar, desbocada, sem graça, mas que você não consegue ficar sem ver.

O pensamento destas lembranças, assim, faz doer minha cabeça.

Outro andarilho do tempo que se esvai, que tinha ares de importância, benfeitor dele mesmo, macambúzio, circunspecto e sempre de mau humor, era Meio Fio. Navegando na memória à procura de perdidas peças do mosaico para montar, peça por peça, o caminho que na vida se perdeu. Parece matutar sobre a morte da bezerra. Deseja cavalgar cavalos encantados das lendas que a mãe preta costumava contar.

Mundabsurdo!

Mundo surdo! E a criança a gritar abre as portas do sonho. Toda criança traz o gosto da doçura, é a luz que rasga a noite escura.

Dizem que Meio Fio recebeu o apelido depois que começou andar na extremidade das calçadas, bem rente ao meio-fio. Um pé na rua outro na calçada. Outros dizem também que o apelido é devido a um problema peculiar: a sua perna direita era maior que a esquerda. Meio Fio não gostava de ser chamado assim e era campeão capixaba de arremesso. Quem o chamava de Meio Fio,

podia contar com pontaria certa e poderia até sucumbir com uma pedrada que Meio Fio podia arremessar.

Soube que uma pedra arremessada por Meio Fio acertou em cheio uma pessoa influente da cidade. O caso foi parar na justiça. No dia do julgamento, o jovem e competente advogado que o defendia, começou a gritar seguidamente o apelido do réu.

- Meio Fio!

- Meio Fio!...

E tanto chamou por Meio Fio que o Juiz irritado, exigiu que parasse.

O esperto advogado se desculpou com as seguintes palavras:

- Excelência, queira desculpar por tê-lo irritado com estas poucas vezes que repeti o apelido do réu. Imagine o réu sendo chamado a vida inteira por um nome que não é o seu.

O Juiz entendeu e absolveu o réu.

Peças de uma cidade que cresce e desabrocha sobre si mesma.

Outra figura interessante de Vitória era Domingas, uma mulher de verdade. Única mulher mendiga com estátua em praça pública. Velha, negra, pés descalços, vestido sempre escuro, cabelos encacacolados, morava no morro do Pinto e era muito ranzinza. Dizem que o corpo curvado era devido a uma paulada que levou, quando era menina-escrava. Mesmo com os poucos recursos que dispunha, lutou bravamente contra o destino que a vida lhe dera. Com nojo ou com medo, não deixava cair a névoa que cobria todos os anos de sua vida. A sua dor artificial, feito saco de entulhos, vai aonde quer que ela vá. A estátua, em frente ao porto e ao Palácio Anchieta, ela mereceu. Ao tropelar os mesmos transeuntes, sem nunca sair de lugar nenhum, Domingas cumpriu seu destino: procurar riqueza no lixo das ruas da cidade de onde tirava seu sustento. Pacificamente, participava da vida da população: escreveu sua história como ser espiritual que passa por uma experiência humana. Nas

grandes andanças e paragens, com enorme saco nas costas e um porrete nas mãos, ia caminhando de alma alada. Domingas deixou marcas pisando fundo e batendo em retirada sempre quando cansada deste mundo. Numa noite, numa hora, num pequeno espaço de tempo, os espíritos se enterneceram e derramaram sobre sua alma a liberdade num mundo opressor.

Estava eu, Purumé, assim envolto nestes pensamentos quando ouvi uma voz que dizia:

– Avante, amigo!

Parar é covardia.

Espantado fiquei. A princípio, não identifiquei o meu interlocutor. Tentei me lembrar. Ele continuou:

– A perseverança é um dos grandes segredos do êxito!

Novamente aquela voz desconhecida, mas muito reconfortante me dizia:

– Avante, companheiro!

– Coragem! Insistia ele.

Era a primeira vez que o via. Ele catava lixo das calçadas e colocava tudo o que selecionava em uma carroça que ele mesmo puxava. Por si só, este trabalho simples não constitui visão incomum. Encontramos pelas ruas da cidade muitas pessoas que parecem carentes catando migalhas para uma refeição. Famílias inteiras nas calçadas e nos pontos movimentados de todas as cidades.

Mas este era diferente. Pelo menos assim o sentia.

Aquele desconhecido fazia o seu trabalho com diligência, sem deixar de ser um sujeito circunspecto, dignamente operante.

Eu ali, deitado no banco da praça, perdido em vazios, quando o notei pela primeira vez. Observei-o por entre flores do jardim.

Era como um pedaço de gente conformado com a situação, mas ciente da importância do seu trabalho. Enquanto arqueado

sobre o lixo, carros esvoaçavam ao redor. Escolhia o lixo no lixo da praça. Tudo ia ficando limpinho.

No trabalho humilde que realizava ele me fazia lembrar um santo em sua humildade, em suas laboriosas preces externadas parecia um Francisco de Assis em toda sua pobreza.

O velho interrompeu o seu trabalho de colecionar lixo e me acenou. O seu gesto me fez sorrir.

– Meu bom dia!

Novamente aquela voz me saiu rouca, estranha, mas intensamente provocante e até desafiadora.

Sua voz, a mais profunda que já ouvira, parecia ecoar pela praça e até nos portais dos edifícios, nas torres das catedrais.

– Receba meus cumprimentos neste belo dia, instigava ele o meu pudor.

E eu, já sem forças para contrariar suas palavras, me aproximei dele e repetia seu gesto de catar papéis.

– Deixe-me ajudar!

Sua voz era realmente extraordinária e eu obedecia. A oferta de auxílio em tom forte me obrigava continuar. Ele era magro, rosto com rugas profundas, pele tostada pelo sol.

O que mais eu podia fazer? Existem situações nas quais não se tem opção alguma. Agradei obediente. Tudo parecia estranho e um estremecimento não me deixava vacilar. Continuei a seu lado por todo aquele dia.

Não me lembro como foram os minutos seguintes, mesmo tendo pensado muito a respeito. No meio de tanta pobreza pude ver uma cruz de madeira que trazia no peito. Sua voz agora me tirou da fantasia. Estava muito cansado, porém reconfortado pelo trabalho realizado.

Já era muito tarde e havíamos chegado a um galpão cheio de matéria recolhida por outros catadores. Aprendi separar o material

para vender. Cansado sim, mas feliz pelo dia de labuta. Adormeci tranquilamente. Corpo exausto após tarefa cumprida, consciência tranquila, adormeci ali mesmo na calçada, debaixo de uma laje.

Quando o dia clareava, acordei bem disposto e procurei pelo novo amigo. Voltei então para a carroça para agradecer ao velho.

O meu Salvador havia desaparecido, deixando como presente a carroça e tudo o que apuramos naquele dia. Então sai da calçada, empurrei o carrinho com o firme propósito de encontrar aquele ser que tanto bem me fizera.

E assim foi. Todos os dias a mesma luta, o mesmo propósito. Enquanto o procurava pelas ruas da cidade, repetia o trabalho que aprendera. Saía cedo, recolhia o lixo para reciclagem, lembrava do amigo misterioso e vendia o que recolhia num galpão que fica na Ilha de Santa Maria. Do dinheiro arrecadado só gastava o necessário para sobreviver. Guardava o restante. Talvez um dia devolvesse ao meu Salvador.

Hoje ganhei uma nova amizade. Quero apresentar a vocês minha mais nova companhia!

Conheci Bacate assim:

Era meio dia. Eu estava sentado à sombra de uma grande castanheira, ali perto da Prefeitura. Enquanto descansava um pouco, eu vigiava a carroça já bem cheia. De repente, eu a vi caminhando medrosa bem na minha direção. Às vezes vacilante, rabo entre as pernas, sempre cheirando o chão.

– Acho que procura o dono, pensei.

Parecia faminta à procura de migalhas. Era magra que dava dó. Seu pelo passava por todos os cambiantes de cor, não tinha cor definida. Parecia creme de abacate que foi esquecido na dispensa. Tinha uma pata suspensa, consequência de algum acidente. Era puro osso. Quando ela se aproximou, eu lhe ofereci restos de uma quentinha que ainda estava esquecida na carroça. Comeu

avidamente. Ofereci um resto de água. Bebeu a se fartar. Depois deitou. Quando me levantei, ela arrebiteu as orelhas. Ouvidos atentos, levantou-se e me seguiu rua afora.

Estamos juntos em alma. Conversamos e nos entendemos.

Quando começou a escurecer, os bichos da noite começaram a gritar, gemer, piar...

Era o anúncio de mais uma noite que chegava com seus ruídos e seus sonhos que povoam minhas noites de solidão. Foi quando percebi a presença do animal que ainda se protegia embaixo da carroça. Devo confessar. Foi amor à primeira vista. Ficamos amigos e não nos separamos jamais. Bacate será o seu nome. A partir deste momento, os passos de Bacate sempre soaram na boca da noite e me despertaram pelas madrugadas chamando para o trabalho. Seus acenos de cauda, seus pedidos de proteção vieram me acolher.

A lua crescia, o mundo girava e nossa vida continua compartilhada..

E o Penedo, todo branco de luz como um sudário divino, sempre vigilante na entrada da baía de Vitória, parece abençoar esta nova amizade.

Bacate, com o traseiro em repouso e as patas dianteiras erguidas, vigiava.

Lições de vida!

Eu sei que voltarei amanhã...

## Maxambomba – outra história de Purumé

A lembrança do meu protetor não me deixa vacilar. O trabalho me dá prazer. O dinheiro que ganho, eu guardo. Só uso o necessário para nos alimentar: eu e Bacate. Um dia terei que devolver esta maxambomba ao verdadeiro dono. Independentemente da prova dos sentidos, imagino que um dia ele voltará. A realidade é que a carroça existe mesmo com suas rodas de pau a fazer barulho no asfalto.

Isto não é sonho! Imagino eu, Purumé. Enquanto ando pelas ruas da cidade fazendo o meu trabalho, sinto o regozijo de possuir um bem, mesmo que seja emprestado. Uma sensação de paz e reconhecimento íntimo me leva diariamente ao meu novo trabalho. Acho que as riquezas de Deus fluem agora para mim. Quando somos mantidos pela fé, nossos pensamentos de sucesso se encaminham para o Reino de Deus, que é o reino da fartura, da segurança e da felicidade. É o Reino do Poder Infinito que habita em nós. É o amor pelo irmão. E o sonho faz parte da vida. Todo mundo sonha. Os sonhos são uma dramatização do conteúdo da nossa mente subconsciente. Nos ajudam a caminhar. Ainda sonho com uma casa onde possa descansar em minha velhice.

Não sou daqueles que precisam ter para poder viver, nem comungo com o dogma de que as pessoas são basicamente preguiçosas, passivas por natureza. Fomos educados assim, mas a verdade é que precisamos tanto do ter quanto do ser. Só hoje percebi que era seguido, silenciosamente. Ao lado de Bacate, ela caminhava vacilante, mas decidida. Envolto em pensamentos, não me importei com mais esta presença que surge em meu caminho. Sempre confiante, tranquila e segura ela não perturba. Até ajuda.

Estou ciente das dificuldades que terei, quase insuperáveis, mas preciso me esforçar para mudar o estado atual das coisas. Quem se desespera não é sábio.

Tenho uma carroça emprestada...

Preciso deixar de dormir nas ruas. Tenho Bacate com quem posso conversar após um dia de trabalho.

A nova companheira desapareceu. Já sinto até a sua falta!

– Nossa companheira desapareceu, Bacate. Que fim levou, Bacate? Interessante como aparece e desaparece sem fazer barulho.

A vida continua e preciso solucionar meu problema com lucidez, sem ilusões. As dificuldades são muitas, mas preciso encará-las. Encontrei um trabalho honesto que me dá pequeno ganho material, mas que também me traz grande satisfação.

É grande a discriminação. A sociedade não nos dá o valor que merecemos. Trabalhamos com o lixo e isto causa repugnância e asco. Poucos compreendem que colaboramos com o poder público na coleta e reaproveitamento de materiais recicláveis.

É grande a minha vontade de dar testemunho, de poder participar mais da vida em sociedade, de colaborar para a cidade ficar mais bela.

O catador de papel ainda está excluído do mercado formal de trabalho. Desenvolve seu trabalho nas ruas, durante o dia ou na calada da noite, engrossando o número de trabalhadores do mercado informal. A função que exercemos é uma das menos reconhecidas neste campo da economia. Desenvolvemos nosso trabalho em condições precárias e estamos sujeitos a todo tipo de exclusões. A alimentação é fraca e muitos ainda dormem ao relento.

A aspiração à organização do trabalho de catar papelão em cooperativas é assunto corrente em nosso meio.

O trabalho se desenvolve precariamente. Estamos expostos ao sol, à chuva, sem nenhuma proteção.

Os ganhos obtidos são mínimos, garantem apenas a subsistência dos catadores de papelão e seus familiares. É evidente a situação de pobreza vivenciada por este segmento da sociedade, mas ainda sonho em poder comprar um barraco.

A nossa atividade ainda causa incômodo aos lojistas, visto que atrapalha as atividades do comércio e o fluxo de veículos e de pedestres.

A profissão devia ser reconhecida porque faz parte de uma estrutura maior: catadores de papelão, donos de depósitos industriais, indústrias de reciclagem e mercado consumidor.

## Noite de Insônia

*Quem está aí?  
O mundo está escuro,  
estou sob pressão.  
Não há sol, nem luz,  
nem tem céu.  
Doem-me a cabeça,  
o pensamento.  
Quanta aflição  
e medo  
da pura razão.  
Por que estão rindo?  
Pensam que na vida  
cada um merece pelo que faz,  
que é certo o dito popular  
aqui se faz, aqui se paga?  
Mas isto me deixa pensar:  
– quem será nosso juiz de paz?  
Se a esperança é maior  
de tudo que posso dar,  
com qual critério me avaliará?  
Se errei pensando acertar  
não mereço alvará?  
O homem chora  
porque conhece injustiça,  
tem julgamento incompleto,  
desmistifica o dito  
e tudo fica pelo não dito.*

E por falar em riso, longe vai o riso da criança, o macarrão com galinha assada, aos domingos, servido em marmita de alumínio vindo da Pensão Capixaba, o sonho doce recheado com creme no bar do português, o manjar com calda de ameixa da Pinguim, após a missa na Catedral Nossa Senhora da Vitória.

E a cigarra cantante ao fim da tarde de primavera, no galho do ipê da Praça Costa Pereira?



O bonde era o meio de transporte mais usado na Ilha. Transportava pessoas e cargas e se movia sobre trilhos. Quando estava cheio levava pessoas até nos estribos. Andava muito devagar. Dava para pegar “ponga” nos estribos e não pagar passagem.

Era tão lento que os jovens mais ligeiros podiam apostar uma corrida com ele. Todos se distraíam com o balouçar da geringonça e com os reclames que se podia ler em suas paredes.

– Tosse, bronquite, rouquidão? Xarope São João!

– Veja ilustre passageiro o belo tipo faceiro que o Senhor tem ao seu lado... Salvou-o o Rhum Creosotado!

O bonde desapareceu com o tempo, porém deveria ser ressuscitado devido à tendência de revitalização do transporte urbano com veículos silenciosos mas não menos poluentes.

Só na lembrança vejo crianças lubrificando com sabão os trilhos. Era hilário ver o bonde ratear quando fazia a curva da Convertidora, na Rua Sete de Setembro, em direção a Santo Antônio. Ranger e desviar de direção na curva e parar fora de seu caminho, era engraçado. Era também muito divertido acompanhar o trabalho dos funcionários reconduzindo o vagão aos trilhos. Com o tempo, o bonde sofreu concorrência do metrô, trem e ônibus.

É... na vida tudo é mesmo passageiro!

Só na memória, as moças circulando a praça. As moças desfilando na calçada e os rapazes, em êxtase, contemplando aquele desfile singular.

Adeus anos dourados.

Adeus mocidade!

Adeus Ilha da Nostalgia!

Agora nada sei, Bacate. Estou atordoado como bicho encurralado. Preciso dormir, não pensar, nem desejar. Sinto-me impotente diante de desejos luxuriantes que me invadem. Neste momento uma luz muito intensa, ofuscante até, para um lugar desconhecido me conduz. Estou vendo. Sou o centro de tudo. Sou ser errante entre savanas e florestas, entre trevos e labirintos. Um inseto sai das sombras e caminha pelas frestas de cimento. Convivo com pudores das mesmas cores, das mesmas dores dos homens, dos mesmos ardores. Será uma nova versão de suplício ou fantasia enrustida no portal de minhas elucubrações?

*O que diferencia o homem do lixo?*

*A razão ou a moral?*

*O que queremos é ser imortais?*

*A beleza da vida não estaria  
na finitude,  
na fragilidade,  
na beleza da morte?  
Não adianta chorar folhas caídas  
inútil lamentar sonhos frustrados  
– o universo ainda tem sonhadores.  
Não tenho receio  
– na terra há tantas flores  
de matizes e variadas cores!  
Deixe que a terra leve  
tudo que é dela.  
O que não quero  
– apesar dos dissabores –  
é deixar de viver.*

Eis-me como massa impotente e fraca. Uma saudade vem pintando memórias, contornos de alma, pedaços de emoções. Imagens disformes povoam meus sonhos. Ora, à socapa, eu bebo um gole e não consigo esquecer mágoas. Fico arrancando com a unha nacos de pão com a códea embolorada.

Estarei dormindo? Sempre eu e meus sonhos...

Bacate, que é um ser humano como outro qualquer, sabida como ninguém, nesta noite arrastada, é escuta vigilante na porta da toca.

Não existem mais os lençóis. Embrutecido estou, tremo ao pensar em tempos passados, frágeis teias de aranha que enevoam a minha existência. Estou completamente insano, entre a razão e a loucura oscilante. Partículas minhas se desprendem e oscilam pelo espaço.

Continuo a rolar pela imensidão da minha toca.

Sei que os ipês estão floridos na Rio Branco e o vento espalha o cheiro de flores pela cidade. Passam nuvens de verão, passam aves de arribação, passam navios sobre ondas e eu vivo sim, vivo não, sou mais um ser marcado por amores recolhidos.

E o apito de um navio, muito longe, chega como um toque de flauta.

O corpo desprendido e de sonhos envenenado busca a memória infantil para encontrar o mistério que a poesia encerra. Não há só vida nem só morte na poesia. O sol pode andar, não aquecer, nem iluminar, mas a lua será sempre dos enamorados.

Quando o sol aparecer, bando de crianças passará correndo na Praça dos Desejos, em direção ao pipoqueiro e ao pula pula.

E o horizonte, pintado de vermelho, é um convite ao navegar. Um iate singra as águas de baía levando turistas.

E Bacate ainda vigilante a matutar.

Vou contar a vocês algumas ideias.

Permanecemos humanos enquanto existe em nós a esperança da beleza e da alegria. O que revelo aqui é o que de mais oculto segue. Sei por mim, por exemplo, que hoje não sou mais o mesmo. Eu sou testemunha de nossas fraquezas, habitante de zona obscura onde a repetição é evidente e a variação é uma constante. Às vezes vou explodindo em emoções, às vezes morrendo calado. Ora vestido de renda, ora calça de veludo. Ando por entre alamedas, escalo montanhas, vivo do lixo e na abundância.

Uma televisão ligada vomita verbos, substantivos, adjetivos e advérbios que borbulham, agridem meus sentidos, ferem pela veracidade invencível e enodoam almas em doses homeopáticas. Mercadores e mercadorias governam povos.

Será que podemos mudar o mundo sentados em frente ao micro? O que pode uma criatura fazer a respeito? Fechar as janelas? Mudar o canal da TV?

Ó monstros que me perseguem com barganhas. À sombra de enorme e frondosa mangueira ou dentro de uma toca imunda, nada temo. Quem anda com Deus não tem medo de assombração. Que venham bruxos, feiticeiras e duendes... Com os pés úmidos pela lírica água da fonte, não vacilo. Que venha todo aquele tipo de gente que se debulha em imagens mentais.

Tenho fé!

Há mais mistérios no sorriso de um anjo do que podemos imaginar. O homem é um mistério ou o mistério é ser homem?

Continuo com o desejo de escrever memórias, memórias de todos os andarilhos, este pedaço de vida eu queria contar.

*Este é o momento em que nada  
há de ser dito  
em que o homem,  
obrigatoriamente,  
mente.  
Esquece porque  
simplesmente  
está vivo.  
Mas o que eu queria mesmo,  
sinceramente,  
era fazer poesia!  
Ah! Este meu gosto pela fantasia....*

## Fragmentos

Estou cada vez mais impressionado com as amigas de fé que me acompanham. Não mais me deixo abater com meus problemas. As soluções hão de vir. Se não posso com meus problemas posso dividir minhas inquietações com as amigas.

*O que apenas desejo?  
Que ouçam minhas histórias!  
Um, dois, feijão com arroz,  
três quatro farinha no prato...  
mais de ano e as coisas paradas  
está tudo no mesmo pé.*

Parece até ficção. Há muito não vejo farinha no prato. Vivo de migalhas encontradas em lanchonetes. Sobras de alguma alma piedosa que se compadece de minha pobreza franciscana. Preciso me arrumar e deixar de viver de migalhas. Felicidade e infelicidade são irmãs gêmeas. A vida é de escolhas. Quero me levantar. Preciso me levantar.

Estou no escuro.

Vertigem.

Ainda o escuro.

Preciso levantar-me e mexer-me como qualquer vivente e sair deste sono de morte. Livrar-me destas patinhas de formigas enervantes.

Para chegar à janela preciso vencer o túnel de escuridão das pilastras escorregadias de musgos, encardidas de pó de minério que vem de Tubarão e atravessar a claridade que sinto existir depois das grossas vigas desta ponte seca, encarar viventes atormentados e chegar até o asfalto.

*Ora bolas!*  
*Sou cidadão*  
*fumo um baseado,*  
*curto um passarinho,*  
*não dispenso uma birlita,*  
**VOTO.**  
*Vivo, entre isto ou aquilo,*  
*engaiolado*  
*porque muitas vezes escolho*  
**AQUILO.**  
*Direito à vida?*  
*Bah!*  
*Se faço aborto, sou criminoso.*  
*Se deixo viver, condeno*  
*à fome,*  
*à doença,*  
*ao sofrimento,*  
*à morte.*  
*Por pouco mais de nada*  
*me condenam*  
*porque negocio qualquer coisa,*  
*menos a minha*  
**SOBREVIVÊNCIA.**

## Sobrevivência

Sáimos pela rua, caminhando cais afora: eu, Das Dores, sempre arredia e calada, e Bacate, amiga e fiel escudeira. As coisas continuam na mesma.

Manhã de regata. O povo já se aglomera na Beira-Mar. Lanchas deslizam pelo mar calmo e o povo grita e assobia. Rapazes musculosos se exibem com suas medalhas. Moças afoitas disputam espaço junto à mureta.

Vendedores de água e de cerveja anunciam seus produtos, o povo sedento compra, e nós, ao final da festa, recolhemos o lixo acumulado nos canteiros e nas ruas. Esta é a nossa atual ocupação. Com um saco quase cheio às costas já sinto o peso do material recolhido. As costas começam sentir o cansaço. Estas pernas, estes braços não podem fraquejar. Voltamos várias vezes ao carro, depositando nele o que encontramos. E novamente o recomeço.





Tenha paciência, Bacate. Hoje é dia de diversão para alguns e de muito trabalho para nós.

Um copo, uma garrafa, papelão, plástico, tudo serve. Somos agentes protetores da natureza. Todo este lixo não pode poluir o nosso mar.

O tempo passa e a vida continua. Todas as coisas marcham no mesmo pé.

Agora que deixamos bem limpa a avenida, continuemos nosso caminho. Na praça da Cruz do Papa há o encerramento de um encontro religioso. É neste momento de recolhimento para uns que temos mais fartura para melhorar o orçamento, pois quando o povo se diverte, ora ou trabalha, ele come e produz lixo por toda parte.

Fim de tarde! Nosso trabalho ainda não acabou. Tem festa em Camburi.

Quando a tarde chega, ainda é hora do batente.

É hora de selecionar lixo para a reciclagem.

As luzes da cidade começam a brilhar. Os olhos fundos de Bacate brilham como espectros estrelados, brasa faiscante a perguntar:

– E o café da manhã, ainda nada? Agora temos mais uma boca para sustentar! Bacate reparou que ela continuava a nos acompanhar.

– Olhe os pássaros e as rosas que não plantam e nem colhem. Deus dará.

Agora noite escura.

Dever cumprido, pouco dinheiro, barriga vazia. Seres irrealistas escapam-me da mente e ainda povoam meu real. Eu os recebo em meu cafofo, no meio da rua, em qualquer lugar como uma sombra que carrego, mas que não trazem nenhum problema para este fantasma sonâmbulo. Perdi a noção do tempo no mistério do sonho. Luto bravamente com todos os recursos que disponho. Vem a mim a presença do meu protetor.

E eu a pensar:

– O homem corajoso sente prazer no enfrentamento de coisas temíveis. A excelência moral se relaciona com o prazer e com o sofrimento, dizia ele.

Por onde andar?

*Tudo que é pensável  
É sempre realizável.  
Se o seu pensamento  
é admirável,  
cheio de belezas e  
surpresas agradáveis,  
você dirá que a vida é boa.  
Se você acorda disposto,  
saudável,  
confiante,  
dirá que a vida  
é irradiação de felicidade.  
Seja você quem for,  
esteja onde estiver,  
mesmo distante,  
há dentro de você  
uma força incrível  
que encontrará,  
infalivelmente,  
o caminho de seus sonhos.*

Tenho bom gênio. Tenho que ser forte. Deus se manifesta por sinais em meu corpo. Convivo bem com todos. Tenho saúde e posso trabalhar.

Sou prisioneiro apenas de meus sonhos. Pelas cidades e becos por onde desfilo minhas loucuras, também tiro meu sustento. Tudo

é possível neste plano de quem na lama vive. Comer? Coragem! Deus dará!

Hoje comecei novamente minha atividade com disposição. Sou forte. Tenho que ser! Preciso de ajuda sim, mas não preciso viver de esmolas. Com o ferro velho que colho nas ruas, posso viver. Esta atividade é honesta. Não posso me envergonhar da profissão que consegui. Sei que é difícil, mas não vou desistir.

A princípio catei ferro velho e vendia para o depósito em Maruípe. Foi difícil. A população ainda não compreendia. Nos hostilizava porque ainda não reconhecia que somos agentes protetores da natureza.

Nosso trabalho é, reconhecidamente, de utilidade pública. Alguns ainda jogavam pedras e nos assustavam.

Não desanimei. Sabia que colaborava com o poder público na limpeza da cidade e que meu trabalho seria reconhecido um dia. Lutei honestamente, trabalhei de sol a sol e hoje já tenho alguma economia.

Registro consumados fatos do cotidiano sem carecer de explicações e sem procurar respostas. Apenas registro e aprimoro meu viver.

Foi assim pensando que percebi o prazer que sinto com a presença delas: Das Dores e Bacate. Sempre caladas, me seguindo, colaborando. Elas são as andarilhas que agora deram de me acompanhar. Não sei o que fazer. O que sei é que me seguem sempre caladas, obedientes, pensativas, andando, andando... E ela sempre ao lado de Bacate que ia atrás do carro. Tão magra, puro osso, de cor parda, e aquele andar de alma penada.

Para que pensar?

O melhor é cuidar do hoje, seguir em frente e esperar pelos desígnios de Deus e trabalhar. Pelas ruas podemos aprender sempre grandes lições com o semelhante.

O importante de tudo é saber ouvir e aproveitar tudo como lições de vida.

Certo dia um homem, protuberante e alcoolicamente eloquente, estava sentado à mesa do bar do Bacana. Lamentava-se da vida dura que levava, dos filhos pequenos para criar, da mulher irritante que só sabia cobrar o pouco dinheiro que tinha para gastar. Afirmava que muito trabalhava e, mesmo assim, não conseguia progredir.

A mesma vida, o mesmo bairro, os mesmos vizinhos, a sogra... e todos os seus conhecidos cobradores, dizia ele.

Até o comerciante do bairro já comprou carro e aumentou seu negócio!

O sujeito, seu vizinho de mesa, ouvia tudo com resignada atenção.

O tal homem, mais enfático ainda, alugava os ouvidos de todos.

Deve ser um espertalhão este comerciante do meu bairro, um aproveitador para ter tanto sucesso. Não entendo por que só eu não progredi.

Bacate, atento, balançava a cauda e inclinava a cabeça em sinal de desaprovação. Parecia entender.

E o trânsito caótico no meio das obras de saneamento da Cesan?

Eu? Como sempre me propus, escutava disfarçadamente atento.

– Eis o tamanho de seu orgulho! Você vai mal pelo poder negativo da sua mente, retrucou o companheiro de mesa que até então só ouvia. Pensamentos de fracasso, de inveja, de medo se tornam realidade. Os bons fluidos atraem bons fluidos, assim como os maus atraem os maus. Mantenha seu pensamento aceso pelo entusiasmo e a vitória virá depois. Os grandes homens começaram como você, mas só chegaram a ser grandes porque alimentaram grandes pensamentos. O homem é parte do espírito infinito que o criou. Seja qual for a direção que seu pensamento seguir, nunca tropeçará em seus limites. Use o poder infinito que existe dentro de você e o sucesso será certo. É preciso pensar positivo.

Que lição, hein Bacate? Pois é, nós somos o nosso destino. Se suportamos os reveses com dignidade e lutamos por nossos ideais, a vida nos será mais favorável. O homem egoísta não é capaz de justificar dignamente a opinião que faz de si próprio e quer tudo para si mesmo. Mas ao possuir, não compartilha.

Bacate parecia dizer que o egoísta não é capaz de se sacrificar totalmente por seus ideais e nunca fica satisfeito porque não há fim para seus desejos.

Devemos reprimir todo sentimento egoísta e todos aparecerão sorridentes, sensatos, sinceros. Felicidade como satisfação de um desejo não pode ser objetivo de vida, porque tal prazer é sempre acompanhado de um desprazer e, assim, nos mantemos afastados do verdadeiro ideal de felicidade. Felicidade é ausência de sofrimento com tranquilidade de alma.

Notícias de greve, guerras, enchentes, mortes, assassinatos e até suicídio leio sempre nos jornais que recolho nas ruas. A televisão não esquece nem os detalhes. Às vezes até acredito que a insegurança em relação aos bens materiais, à fortuna e à vida, são fatores essenciais ao conhecimento.

Só encontraremos a verdade se encararmos a vida com toda a rudeza que ela encerra. As instituições não podem abolir os vícios, a prostituição ou as doenças. É o valor do homem, sentimentos que vêm de seu coração e de sua vontade que fazem a felicidade.

Conheci Firmino neste mesmo dia. A princípio, muito calado. A partir de então, nos encontrávamos sempre na fila do barracão. Gota a gota, fui conhecendo sua história.

Era colono mineiro em uma fazenda no interior capixaba. Sonhava juntar dinheiro para ter vida boa na sua terrinha, só sua e com lavouras para alimentar a prole.

Mas Firmino trabalhava de sol a sol e não conseguia nada juntar. Só trabalho na roça do patrão. O que recebia mal dava

para comer. A compra tinha que ser na loja do patrão. O dinheiro só dava para pagar a conta da loja do patrão.

A canseira era grande e a alimentação fraca. O barraco coberto de sapé, no meio do pasto, com as vacas pastando ao redor. Nem uma cerca que separasse o gado da plantação idealizada. A vida corria e mais difícil ficava com mais um filho que chegava. Já com seis bocas para alimentar, resolveu partir à procura de vida mais digna. Na hora da prestação de contas, não tinha saldo na casa. Ficou até devendo!

Fincou pé na estrada com mulher e filhos e sem dinheiro no bolso. Tanto tempo na roça, dedicação exclusiva ao fazendeiro e, no acerto de contas, o pouco que tinha ficou na venda do patrão.

Firmino coçou o queixo cabeludo, parou, gemeu que nem novilhão amarrado em mourão. Puxou a faca, uma faca de ponta, esgaravatou as unhas do pé e, continuou...

O mais novo, no peito e o mais velho, nem sombra de barba. Enfrentaram estrada de terra ladeada por mata fechada entremeada pelo vermelhidão do céu de verão. Nem alma penada aparecia. Enquanto no bernal a farinha rareava, a coragem e os sentimentos de liberdade iam esmorecendo.

Depois de muitas horas de viagem, o pirralho não se mexia mais. Pensou em deixar o menino pelo meio do caminho. Pegou o pulso do filho. Frio como defunto ainda agarrado ao peito da mãe. Impossível deixar o bichinho aos bichos do mato. Enterrou o menino, ali mesmo, na beira da estrada, no meio do mato, ainda no início da caminhada. Uma febre danada o levou para junto de Deus. Pobre criança inocente.

A fome apertava e a sede castigava. Em Itapina, depois de muita canseira, deixou uma filha com um casal para criar. Ela já estava acostumada a obedecer. O olhar da filha era frio que nem navalhada amolada em carne fresca. Doía até a alma. Mas ia

ser bom para ela. Melhor que vida incerta ou meio do caminho.

Coração partido, dois filhos deixados para trás, Firmino chegou a Colatina com a família desfalcada e o coração partido.

Procurou trabalho na cidade. Pau mandado que era, só sabia obedecer. Passou a mendigar pelas ruas da cidade para sobreviver. Um sofrer que dava dó.

Logo percebeu que o mais velho se desgarrara do grupo. Procurava sobreviver com outras companhias e logo a família o perdeu de vista.

Filho tão bom! Deve estar bem.

A mulher, com o filho que restava, definhava. Conheceu a miséria e a caridade dos outros.

Então, Firmino procurou um abrigo onde deixou mulher e filho com a promessa de um dia voltar, pegou carona no trem de carga Vitória-Minas e chegou sozinho a Vitória.

Começou catando lixo em sacolas até poder alugar a carroça. Demorou um pouco porque não tinha documentos e nem crédito.

E até hoje continua com carroça alugada e sem notícias da família...

Mora na rua. Trabalha para pagar o aluguel da carroça e sobreviver.

Na rua conheci muitos outros catadores, ouvi suas histórias...

E com grande gozo de dever cumprido na expectativa de um bom negócio, observei este canto da Rua Carlos Moreira Lima. Neste fim de tarde já se concentravam, àquela hora, os primeiros homens e mulheres catadores de lixo. Carroças entulhadas de papelão, plásticos e papel chegam devagar como pesados elefantes de circo que se preparam para a função. Já é quase noite. Trafegam por entre carros com faróis acesos. Equilibram a carroça em devota procissão por entre pares de senhoras com sacolas cheias de compras. O pão nosso de cada dia.

Um moço com a face esverdeada, olhos fundos em olheiras, apresentava-se, após longa e grande peregrinação, pelos bares da ilha. Já a estas horas, aos solavancos, gingava com o cigarro entre os dentes e as pernas desobedientes. Pelos cantos e calçadas, gente estirava-se num torpor de vadiagem merecida em contraponto com as torres do jornal A Gazeta.

Nas faces enfezadas de frequentadores de um bar vizinho, homens corpulentos compõem a imagem de uma sociedade em decadência. O contraste desta cena demonstra que não só as pessoas simples são responsáveis pela degradação da sociedade e da espécie humana.

O catador de lixo, Bento, aproxima-se. Este importante personagem, com seu carrinho de lixo, dá vida ao espetáculo quando surge de uma esquina vindo da Chafic Murad. Ele passa incógnito pelas ruas de Vitória no seu afã como formiguinha trabalhadeira carregando folhas para o formigueiro.

É um homem culto, de uns quarenta anos, que guarda para si as lembranças da frustrada vida sacerdotal.

As portas de seu coração abriram-se, sua alegria voou e até agora ouço suas palavras...

Confortado pela fé, fala no sofrimento de Jesus Cristo que morreu na cruz, fora da cidade, no meio de dois bandidos – e morreu como bandido, como malfeitor, como agitador.

Ex-padre, a princípio Bento trabalhou como vigilante. Ele fala sobre as consequências do uso da bebida alcoólica na sua vida...

– A cachaça me derrubou. Aí, eu caí no mundo até chegar ao fundo do poço. Quando quase não resistia mais, conheci Mineirinho e comecei recolhendo papelão. A princípio, para sustentar o vício. Depois, também recolhi latinhas.

Não devo estar aqui por acaso. Alguém falou da gente com o Mineirinho.

Conheci Mineirinho outro dia. Simpático, vestido de forma simples e, ao contrário de certas pessoas de bem, sem nenhuma arrogância. Durante a conversa, dá para perceber outra característica sua: determinação, que aliada à grande disposição para o trabalho fazem o sucesso que conquistou.

Sua esposa, mais descontraída, escreveu sua história como catadora de papel. Falante, narra fatos sem precisar ser interrogada. Muito empolgada com o trabalho que realiza, tem consciência do seu papel de cidadã.

Surpreso fiquei com a história de vida destes personagens. São exemplos de coragem, dedicação e de amor ao próximo.

Vieram de Minas. Deixaram para trás muitas decepções.

São pessoas cultas, ela universitária. Recomeçaram a nova vida catando papel pelas ruas da cidade. Possuíam apenas muita fé e coragem para trabalhar duro. A princípio, em sacos, transportavam o material recolhido. Depois conseguiram um pequeno carrinho de compras. Sempre com muita coragem economizaram o pouco que sobrava. Guardavam sementinhas, mas custaram a adquirir sua primeira carroça.

Catar papel não foi uma opção, mas um modo que encontraram para sobreviver. Hoje não mais empurram carrinhos. Recebem, em seu estabelecimento, os catadores de papel com seus carrinhos lotados de material reciclável. E a eles dão apoio e orientação.

Esta história representa a dura rotina de pessoas que arrastam pesados carrinhos por calçadas irregulares, dividindo o espaço do asfalto com os carros. É tarefa desgastante para homens e mulheres.

Faça chuva ou faça sol, são, no mínimo, cinco horas de trabalho percorrendo a cidade em busca de material – o que geralmente é feito à noite. Durante o dia, separam o material recolhido para vender no depósito.

Mineirinho desenvolve um projeto social de valorização da profissão e luta pela mobilização da classe em busca de melhores condições de vida.

Está sempre procurando entender os catadores, interagindo com eles em suas decisões, orientando e incentivando.

A nossa cultura ainda é de exclusão, diz ele. Marginalizar o catador de papel, ou exterminar o morador de rua é a forma que a sociedade ainda considera para resolver o problema da insegurança das ruas da cidade.

Não vou mais roubar. Isso não! Quero ajudar a natureza. Catar pet, plástico, papelão, alumínio. Essa é a grandeza que eu tive. Ao ver a importância de um trabalho, revivi. Eu me senti o mais importante que eu poderia ser.

Eu temia chegar, ter outra decepção e sofrer. Gostaria que a gente crescesse e que as pessoas se amassem mais.

A princípio, eu também carregava tudo em sacos, nas costas. Hoje consigo economizar uns trocados. O calhambeque não é meu. Sei que me foi emprestado. Alguns catadores alugam o carrinho. O rei do ferro velho da Barão de Monjardim também aluga carroça, e os catadores pagam o aluguel com o material que coletavam.

Com o passar do tempo, pude diversificar minha coleta. Um papelão aqui e outro ali e o carroção sempre chegava cheio de lixo, latas e garrafas deixadas pelos homens depois do *happy hour* nas calçadas dos bares, nas praias e ruas da cidade Presépio.

Com muito orgulho, sou um trabalhador urbano que recolhe os resíduos sólidos recicláveis para serem reaproveitados.

Não é fácil meu trabalho. Percorro de 20 a 30 quilômetros por dia. Catar papel foi a forma que encontrei para sobreviver, não posso me queixar. Mas não é fácil a rotina percorrendo calçadas irregulares, ou dividindo o espaço do asfalto com os carros.

Diariamente, faça sol ou chuva, lá vou eu em busca de material

para vender. Apesar de toda a luta, reconheço que a vida é boa mesmo com seus tormentos, mas vale a pena pela alegria de acreditar na eternidade.

Os dias se passavam e Bacate ali, caminhando como se fora um amigo animal, um amigo protetor.

A mulher de roupa escura caminhando passo a passo atrás da carroça com minha amiga Bacate já faz parte da família e me parece mais aprumadinha. Continua sempre calada recolhendo o material, ajudando na prestação de contas e, às vezes, desaparece. Com o passar do tempo, suas aparições foram se tornando mais duradouras.

Não me importo mais com a presença daquela mulher. As raparigas só querem comer dinheiro. O que desejo é viver em paz em meu canto e guardar, no fundo falso de meu carrão as sobras do que consigo ganhar. Não sei direito o que tenho. Penso ter quase uns quinhentos reais. É meu, todo meu, fruto do meu trabalho. Ganhei com o suor do meu rosto, meses e meses de trabalho.

Não entendo bem o que sentia, mas a presença de outra companhia alegrava meu coração.

Certa vez, linda manhã de verão, eu percorria a praia de Camburi à procura de latas vazias deixadas na areia, quando deparei com esta frase escrita na areia:

“O bem e o mal não existem, o pensamento é que os cria”.

De repente, senti vontade de rezar o Pai Nosso. Ao chegar no “Seja feita a Vossa vontade”, os versos me saíram assim: que nosso trabalho seja a carruagem que nos levará ao céu, que os indivíduos de todo o mundo encontrem o caminho para a verdadeira felicidade e conheçam a realização de todos os desejos possíveis. Que os sábios encontrem a riqueza dos ricos e a felicidade dos felizes e possam conquistar o amor dos que amam sinceramente, a saúde, a honestidade e a liberdade dos livres.

A brisa sopra mais forte e o Tancredão ainda em obras.

Fim de noite. A cidade Ilha acorda. Com a madrugada, houve uma pausa em toda esta agonia. Na baía um navio apita. Outros moradores deixam suas tocas enquanto Bacate se espreguiça e espicha cada músculo expondo todas as costelas. Os meus lábios secos já pedem mais um gole. É hora de relaxar.

Fui aceito como interno no hospício da vida. Enquanto cato migalhas deixo a cabeça inventar modas. Cabeça inventiva a vaguear me ajuda a vencer a canseira.

Na rodoviária, o movimento aumenta. Uma mulher ainda dorme com a criança na calçada. De repente, um motor rasga a trégua e um arrepio me sacode. Usaria as pernas se os pés não pesassem como chumbo. Parece que a cidade encheu-se de igrejas com sinos que badalam ao mesmo tempo. As ruas desertas até onde a vista alcança esperam o casal de velhos, os pobres e os ricos, a vastidão e a solidão, o desafeto e os enamorados.

Os grandes mestres da vida disseram verdades. Buda ensina que para chegarmos ao mais elevado estágio do desenvolvimento humano não devemos ansiar pelas posses. Jesus ensina “Pois quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; quem perder a vida por minha causa, se salvará. Que proveito terá o homem em ganhar o mundo inteiro, se vier a perder-se, ou a causar dano a si mesmo?”

*Pode haver coisa mais bela  
do que uma flor nascida  
na tapera?  
A ave que no pequeno ninho  
balanceia  
ou a lua que dourando a treva  
a incendeia?  
Eu já vi sombras e flores,*

*vi águas, fontes, verduras,  
vi aves morrendo de amores,  
o sol queimando lavouras,  
com tintas de todas as cores.  
Justo, agora, pergunto:  
– quem pode ser  
o autor de toda beleza?  
Olhe atentamente e verá  
quem é a raiz do mistério,  
a luz, a força,  
a razão, a capacidade,  
senão o Deus,  
Senhor de todas as coisas?*

Depois destas orações, sairei fortalecido pelas ruas e meu coração de criança baterá apressado. Trabalhamos todos em busca da vida verdadeira. Somos humanos e temos que ter algumas coisas, pois quem nada tem, nada é.

*Sou magro, rosto queimado ao sol,  
olhos clamantes e músculos de aço.  
Com esperança de salvar o mundo,  
guio a vida escondido no espaço  
de uma velha carroça de lixo.*

Depois de alguns anos de muito trabalho, encontrei apoio e orientação na Pastoral. Consegui reunir alguns colegas e nos organizamos em grupos para manter um depósito onde o material coletado era selecionado, separado e classificado. Um barracão em frente ao Quartel de Maruípe serviu para a concretização deste nosso ideal. Sempre com o apoio da Pastoral, o negócio foi crescendo.

O sol declina, mas ainda está quente demais. E nem uma sombra para abrandar meu calor, mas a vida não pode parar. Um papelão aqui, outro ali, não se pode perder a esperança. O trabalho é duro e a vida de grandes privações, mas tenho o alento de ser um agente ecológico. Mesmo havendo muito preconceito e marginalização da profissão, somos importantes para a preservação do meio ambiente e da humanidade. Para tanto, a mobilização é fundamental. O trabalho feito em equipe acaba rendendo mais.

Não sei quanto poupei. É segredo até para mim. O fundo falso na carroça, onde guardo minhas economias, deve estar quase pela metade. Em breve, espero completar todo o cofre e poder comprar meu barraco.

Mesmo para quem vive de teimosias, em toda encruzilhada é afrouxar o passo, trabalhar e economizar tudo que puder.

É de cuidados para não morrer atropelado que recolho minha vida.

Sol já meio de esguelha, lá pelas cinco horas.

O asfalto em brasa, um mundo de calor e de barulho.

Não há havaianas que aguentem o calor do asfalto em brasa.

Carros cruzam pelas ruas desconhecidas.

Eu, sozinho, com o carrinho pesando as costas, desafiando o perigo, para sobreviver. Eu respiro esperanças. Que força estranha me leva a resistir?

Às vezes penso qual poder é este que me leva a lugares e ofícios estranhos? Verdadeiramente nunca estive aqui. Devo ter morrido e pousado em outros mundos. E olha que me perco neste mundão danado de não acabar mais. Nem sei mais onde começa ou termina a cidade. Vontade de pousar o carro e descansar à sombra que dele se faz.

Com seus latidos, Bacate me traz à realidade.

Percebo que hoje temos companhia. Ela nos acompanha novamente calada e eu pergunto seu nome.

– Das Dores. Reconheço o valor do seu trabalho e quero ajudar.

– Ela falou!?

Continuamos a caminhada. Os mesmos problemas me fizeram continuar atento ao burburinho na avenida.

– O que diz aquele homem tão nervoso, em frente ao bar do Bacana? Babaca, quadrúpede, jumento? Por que me chama assim se meu nome é Purumé? Esquecem que toda soberba termina em pó?

O meu nome é Purumé.

Não tenho outro de fé.

Um barulho infernal envolve o mundo. Um embrulho deixado na rua me faz divagar, sempre a empurrar o carroção pelas ruas movimentadas. É preciso ter cuidado, com os homens que lutam com mais bravura por seus interesses do que pelos seus princípios.

Tesouras, dedais, alfinetes... facas, colheres, perfume... sapatos, bonés, plásticos e papéis, tudo se encontra no lixo que a sociedade produz. Sociedade surda, insensível às desigualdades e fatalidades.

Homens, seres e coisas se misturam num inesgotável repertório de matéria-prima.

Não há esquina que eu não pare, não há buzina que me assuste.

Só Bacate, a cadela magrela, fiel escudeira que me segue, não nega uma lambida, ou um carinho e Das Dores que me faz lembrar o meu passado.

Lá vem Bacate com suas manias. Brincar com a própria sombra, correr atrás do próprio rabo, são distrações de quem está feliz. É como se quisesse se fazer presente e também distrair a gente.

Dividimos tudo: a sorte e as desordens. Hoje dividimos uma quentinha que ela farejou na rua. Dividimos as noites frias e os sóis que faz asfalto em brasa.

*Perdeu-se no asfalto de maresias*

*De todo dia as fantasias*

*Que se vão e se repetem.*

A luta por uma sociedade dos catadores de lixo que nos defendesse continuava, e mais adeptos eram conquistados.

Durante a gestão do prefeito Luiz Paulo, foi criada a usina do lixo em São Pedro, que passou a comprar diretamente dos catadores o lixo para alimentar a usina. Nosso trabalho passou a ser mais valorizado e nesta época recebemos da Prefeitura de Vitória um barracão em Goiabeiras para realizar o trabalho de separação e distribuição do material.

Com o apoio de uma associação, pudemos crescer em nosso trabalho.

## Cenas da Ilha

### A PRAÇA

*Estava à toa na vida  
na praça fui descansar.  
Sentado no banco, vadio,  
posso até apreciar.  
De quem são estas imagens  
que rondam meus pensamentos?  
Não é preciso que me chamem,  
eu ainda nem nasci!  
A vida me deu um cansaço...  
nem romântico consigo ser.  
Mas se conheço o alfabeto inteiro,  
se posso ter dicionário aqui ao meu lado,  
por que deixar folha em branco  
se agora sinto, penso e falo?*

Como é linda, bem no centro do povoado, no coração da cidade, a Praça Costa Pereira, sempre referência da cidade. Um passeio por entre seus floridos canteiros desperta boas lembranças de aventura, conquistas, prazeres de corpo e alma.

Oferece divertimento, impacto de amor em poesia.

Antigamente de Prainha era batizada, há muito tempo, quando banhada pelo mar.

De aterro em aterro, não mais a água banha seu casario. Agora o mar corre longe, depois da Praça Pio XII, emoldurando a avenida Beira-Mar.

Sentado no banco da praça, adormeço, cochilo e posso até apreciar o mundo: os pássaros que fazem ouvir o seu canto, a mansidão do lago fundo que não existe mais, só na saudade, a flor que a vida abraça, a imponência dos edifícios que sobem, a vibração espontânea de minha alma, as emoções que não consigo estancar.

Trabalhei muito durante a madrugada.

Desci a Rua Gama Rosa, contornei a esquina do antigo Britz, cheguei à Rua Sete de Setembro contornando o Colégio de Carmo e desci a Graciano Neves.

A coleta foi farta, carroça cheia.

Bacate, minha fiel companheira, vigia o precioso material que vai para a reciclagem e Das Dores descansa esparramada no canteiro das rosas. Pela primeira vez apreciei a beleza desta mulher. Apesar do semblante envelhecido pelo tempo de miséria, em permanente estado de exaltação sem alívio, a minha pele se arrepiou na contemplação diante da visão de seus esplêndidos seios de mamilos arroxeados fugidios por entre o decote de uma rota blusa.

Uma sensação de dever cumprido envolve meu pensamento e me distrai a atenção. Com alma leve e consciência feliz, regozijo-me em reflexões agradáveis.

Os ônibus agora passam na Jerônimo Monteiro.

As pessoas, ora recolhidas, agora correm ou passam, ao longe, a caminhar. Constroem o futuro do passado que teimam em não se lembrar.

A Capela de Nossa Senhora da Conceição, toda bela, construída no século XVIII não existe mais, nem o casario baixo de tempos atrás. Eu li aqui no jornal A Gazeta que o Largo Costa Pereira foi todo arborizado e ajardinado em 1922. Depois foi transformado na Praça da Independência. Na década de 60, voltou a ser chamada de Costa Pereira.

A Praça continua junto à principal avenida do centro de Vitória, a Jerônimo Monteiro.

Ali no lado Norte da praça está o Teatro Carlos Gomes. De estilo neorrenascentista, foi construído em 1927, projetado por André Carlone inspirado no Scala de Milão. No entanto, sua cúpula se deve a Homero Massena, nosso irmão.

De tudo fico sabendo, pois está registrado no grande jornal que recolhi no banco, junto ao jardim.

O logradouro, por muito tempo, foi o centro comercial da capital, depois estendido pela Jerônimo Monteiro.

Bares e lojas sofisticadas circundavam o local como a protegê-lo.

Como se estivessem de mãos dadas, prédios centenários ainda resistem à ação do tempo.

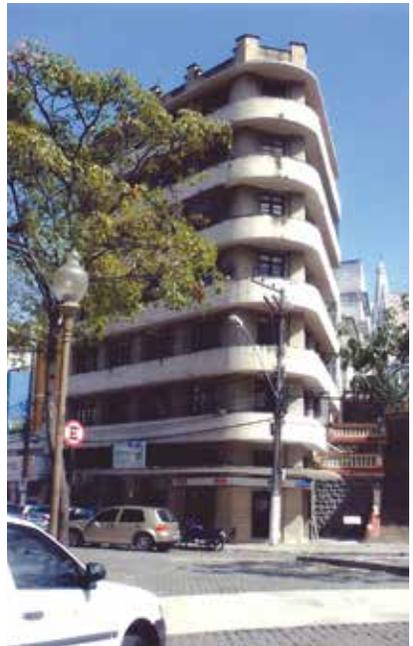
Bem ao lado do Teatro Carlos Gomes, onde hoje é uma famosa loja de calçados, existia o Bar Simpatia do Severino Dantes. Sempre engraçado, Severino fazia trocadilhos como ninguém. Severino, comerciante esperto, tinha também uma espécie de financeira para socorrer amigos endividados.

O famoso Bar do Português, me falou Tatagiba, servia com maestria ensopado de ovo de boi e café sem coceira. Só depois conhecemos o ovo de codorna.

Não estão mais lá. Nem o Bar Simpatia, nem o Bar do Português. No lugar, comércio variado se instalou.

É o progresso!

De tudo o que me lembro, o que ainda resiste é o Edifício Orlando Guimarães, primeiro edifício de apartamentos para aluguel de Vitória, e o



Salão Garcia, que era ponto de encontro obrigatório de políticos e autoridades. Testemunhas da história exibem marcas de um tempo que não volta mais.

Onde hoje funcionam um cartório e uma financeira, por muito tempo funcionou a Casa Madame Prado, que trouxe sofisticação para a mulher capixaba de bom gosto.

Hoje a Feira de Artesanatos se instalou na Praça. Entre bancos e jardins fortalece o comércio informal, mas também ofusca a beleza dos jardins.

# SÃO BENEDITO

*São Benedito  
Santo de grande valor  
Que levas neste borel?  
São rosas de Nosso Senhor.*

Chegou o dia da festa do Santo Negro. De suas mãos, escorrem águas que chegam aos corações. Moradores e turistas de Vitória, capital do Espírito Santo, invadem as ruas da cidade. É gente que surge de todos os lugares para cantar e dançar ao som dos tambores e casacas, no ritmo do congo capixaba. Com o tambor de congo, bumbo ou caixa, casaca ou reco-reco, cuíca, chocalho, triângulo e apito, a festa fica animada. As toadas são feitas em homenagens ao Santo. De família humilde, São Benedito sempre foi devoto de Nosso Senhor e amava os pobres deste mundo de Deus.

Diante da fartura dos conventos, ele se perguntava:

– Por que passar fome ante mesa tão farta?

Santo dos negros e dos desamparados, rogai por nós ao Deus Pai todo Poderoso.

É a tradicional Festa de São Benedito, comemorações que estão entre as mais populares do Espírito Santo. Num misto de fé, devoção e alegria, os festejos têm seu ponto alto quando inúmeros devotos saem em procissão pelas ruas.

A concentração ainda é em frente à Igreja do Rosário, Patrimônio Histórico, precioso acervo da arte sacra capixaba. Todos os anos, a procissão de São Benedito, a mais importante e tradicional da Ilha de Vitória, sai em festa para a alegria de seus devotos.

Verdade, meu Santo, eu quero viver um amor intenso que traga para mim a Verdadeira Felicidade.

Provei do lugar da aflição e sei, melhor lugar não há, de pouso e segurança, do que nos braços do Senhor.

Necessito de abrigo, alimento, saúde...

Na complicação do mundo, nas injustiças dos homens, mesmo que o amor na minha vida seja impossível, aqui estou a seus pés, crente e miserável a implorar proteção.

Hoje estou na pior. Acontece, não é?

Muitos feriados, comércio fechado, pessoal viajando e nada de lixo nas ruas. Ainda nem fiz meu desjejum... e a esmola foi farta, hein?

Acho que vou precisar de um empréstimo! Somente o necessário para não desfalecer nesta fraqueza. Prometo que no próximo ano estarei aqui para lhe devolver o que tomei. Ainda não posso abrir meu cofre na carroça. É para o barraco. Entende, não é?

Vivo na rua há muitos anos. Divido o pouco que tenho com Bacate e agora com Das Dores, porque já tenho um amor incondicional por elas. Bacate encanta a todos que passam e até param para brincar com ela. Muito ciumenta, não para de latir quando seu dono não está a seu lado. Até hoje não procurei um abrigo para moradores de rua porque não aceitam animais.

Das Dores me ajuda, me dá força e coragem com sua presença calada. Pela ruas da cidade, pelos becos sem saída, continuamos sócios nesta empreitada de vida ou morte. Dizem que a fé traz felicidade.

Confiamos.

Vitória é uma cidade progressista. Apreciando ruas e praças desta cidade, sinto uma felicidade imensa no fato da ciência descobrir coisas novas, transformar leis e ideias humanas.

## Dia de Chuva

Toda história bem vivida pode ser contada e recontada porque emociona sempre. As histórias começam a interessar quando envolvem pessoas e fatos, vencidos e vencedores.

Enquanto um navio apita, a cidade Presépio respira o ar aquecido pela fumaça dos carros. Fim de tarde. Um último catraeiro completa seu último contrato, enfrentando o mar agitado e procurando abrigo no ancoradouro. Cardumes saltam sobre a superfície da água. Será que anunciam um tsunami?

Pingos grossos de chuva caem sobre a cidade e marcam de escuro molhado o cimento das calçadas e o asfalto, anunciando chuva grossa. O pipoqueiro recolhe a carrocinha, os barraqueiros protegem as lonas molhadas. Claridades marcam o céu e o barulho do trovão assusta o povão. Minha carroça está molhada e a matéria-prima avariada. Bacate, minha cachorra amiga, já se escondeu dentro da carroça. Só enxergo seus olhos entre as caixas de papelão.

*Não mais se ouve  
o violão a tocar  
nem os bem-te-vis  
no peitoril da beira-mar.  
Não mais o beija-flor  
nas graxas do jardim  
alegram meu coração  
com juras de amor.  
Quando chove  
todos se agasalham  
nos postes,*

*nos semáforos,  
nos ninhos, ou nos galhos  
das frondosas árvores.  
Bacate, minha cadela amiga,  
entre cavacos, latas e flandres,  
entre medos e tremores,  
se esconde na nossa casa-carroça.*

A escravidão vai longe, mas todos ainda trabalham pelo quilo de cará, pelo litro de farinha ou de feijão. E o trabalho vale mais que a pessoa, mas é preciso comer. Todos levam para casa o vale, a moeda de troca de valor reduzido. Ali se compra o que pode, no preço que é posto.

Um novo dilúvio ameaça cair sobre a terra. Ninguém entende o tempo nesta cidade. A chuva chegou sem aviso e os comerciantes desavisados se agitam recolhendo mercadorias, fechando suas barracas. Uma mulher gorda escorrega e cai na calçada, outra machuca a orelha no galho caído, alguns sentem falta de ar na porta apertada do primeiro ônibus que passou já lotado. Todos tentam se esconder, ninguém pode prever acontecimentos. Ouve-se a batida do coração do mundo. Rompe-se as barreiras dos céus e as comportas do mundo em cima dos capixabas. O cheiro de terra molhada espalha-se pela Praça Getúlio Vargas e a água começa a sair dos bueiros entupidos pelo lixo. Logo a Praça começa a perder suas características geográficas.

Coisa singular. As águas crescem rapidamente na Avenida Princesa Isabel. Duas forças poderosas se completam: a enxurrada que caminha velozmente e a maré alta que impede a saída da água. A água vai entrando pelos olhos, pela boca, pelo corpo. Molha ruas, farrapos, molha tudo. O verde do mar, o azul do céu foram substituídos por aquela balburdia toda. Um paraíso perdido.

Agora é assim: chove e alaga tudo. Um velho no ponto de ônibus sobe no banco para se abrigar da água que vem subindo. Em cada rua, em cada esquina um rosto assustado. Lá em cima, nuvens pesadas se derretem em nós. Parece que Deus exterminará todos os seres da face da terra. Um homem rude, de uns cinquenta anos, com as rugas do corpo preenchidas por décadas de sujidades, compreende que não pode mais fugir do banho inesperado. Uma mulher fecha a janela no 12º andar do edifício Jusmar. O vento invade as casas, os vãos das pontes e corredores. E a água sobe, baratas sobem pelas paredes e bóiam na enxurrada formada pelas grossas correntes que se avolumam. Mas quem é aquela velha mulher aflita que procura se livrar das baratas que aparecem por todos os lugares?

Vi o céu escurecer, nuvens carregadas, águas caindo pesadas. Quando o tempo melhorar, a rua só será lama e resíduos mil.

## Fim da Tarde

Fim da tarde.

Amiga Bacate! É a caminhada muito dura...

Companheira Das Dores! É preciso prosseguir.

Trabalhamos e percorremos todos os ciclos dos valores humanos. Agora podemos olhar todas as distâncias e em todas as direções com os olhos e a consciência tranquila de quem sempre cumpriu seu dever.

Mais um dia pela frente: trabalho, surpresas, lutas, um novo dia amanheceu.

Minha alma chora, sofre na dor e na perda e se angustia no sofrimento do irmão. Posso bem enxergar, perceber no olhar de cada um o sofrimento e tento ajudar. O que preciso é me sentir amado, para um dia, dignamente viver.

Falo com Bacate e ela concorda, inclinando a cabeça para a direita.

Somos ainda moradores de rua, enfrentamos a carência de recursos materiais mas somos cidadãos que merecem todo respeito. Sonhamos merecer fraternidade desta sociedade. Em momentos de reflexão, todos hão de meditar sobre os valores morais da humanidade. Somos um povo que procura ser útil enquanto luta pela sobrevivência. Nós somos catadores de papel, não é Bacate? E os Direitos Humanos, Das Dores, você ouviu falar?

Entre nós, os catadores de lixo, como em qualquer grupo social, há os que têm problemas com drogas, problemas com álcool, os que se encontram desempregados. Há pessoas que estão atrás de um objetivo na vida, há os que têm problemas mentais. Mas todos são trabalhadores.

Chegou a hora da prestação de contas.

É a chance que temos de vender o lixo, de exercer nosso poder, barganhar e vencer com dignidade a realidade do nosso viver.

As minhas pernas cansadas vacilam, o corpo surrado no cimento, no plano frio do chão reclama.

Liberto de toda razão, caminho e penso: no amor sempre temos algo a oferecer e a receber.

Por um instante, esqueço o galpão da reciclagem e a confusão dos carrinhos que chegam no portão do depósito, uma verdadeira bolsa de valores com preços e cotações.

Meu carro trouxe pouco, o pouco que recolhi.

Faltam-me as forças, que importa?

Aquele que me guiou até aqui, Ele que não muda nunca e se revela nas ruas, me guiará para sempre.

Hora de prestação de contas. É a chance que o homem tem de exercer seus direitos. Alguns caminhavam tateando o ar. Outros, macomunados por uma cumplicidade inviolável. Não é hora de pensar ensimesmado. A boa sorte voltará a nos perseguir.

Bacate se anima com o meu sobressalto. Abanou o rabo e me olhou com aqueles olhos vivos, como se estivesse sorrindo.

Das Dores apenas sorriu, evitando qualquer contato.

Ao redor do barracão, continuam a se juntar carroceiros para conferir e vender seu material.

E cochilam, batem papo ou curtem a sonolência enquanto esperam. Pernas cansadas pedem descanso e repousam com a carcaça no cimento do chão. Mas a língua coça na boca e o pensamento embaralha na cabeça arrelhando a fala.

Libertos de toda razão, parecem confiar. Paciência canina a vigiar carroça e trapaças.

A barganha estava armada. Uma intrincada barafunda de vozes e emoções nas ruas, no entorno do barracão.

Por um instante o soluço parou, o sorriso abriu e veio a prece silente.

É hora do clamor, do dividir migalhas como versos sem princípio ou fim.

A hora vira noite, o tempo sobrevive, tudo passa para colorir novo dia.

A qualquer momento raia luz no meu sofrer, repondo a razão em mim.

## Formoso sonho de uma vida obscura

Nesta cidade populosa, eu sofro os espinhos da solidão. Nas calçadas e nas ruas, pensamentos revoltos povoam meus sonhos eróticos que enfebrizam meu corpo. Pelos dedos do desejo renascem poemas dos meus silenciosos ais. A gente se deita, se rola no fogo da paixão. É malícia, é chama que não se apaga, é loucura que paira no ar. Tudo se incendeia em nós com o calor de corpos em erupção.

A luz da lua sempre é uma constante nestas minhas noites solitárias.

Quando a lua se vai, pelas quebradas do Moxuara, o seu brilhar levará toda a orgia, diluirá a magia de corpos juntos e depois separados. Com olhar perdido no horizonte, incapaz de assistir num terreno mais propício, mais propenso ao furor do que à ternura, sinto a minha alma chorar pela chuva que há muito não vinha.

Versos chorosos e desentoados, sem arte ou poesia, unguídos pela taça da tristeza, esvoaçam de veia em veia e me desgastam a vida. Sou apenas um pobre ser que nestas ideias navego mal e sei que nada sei do muito que não apreendi.

Sabemos que só se recorre à dialética quando não se tem outro remédio. Mas se tantas letras o alfabeto tem, se o dicionário não me deixa errar, por que deixar folha em branco sem emoções derramar?

Ó céus! Que tormento! Que repentino frenesi!

De suspirar em vão, fatigado eu nem dormia...

Os desregramentos do corpo e a anarquia dos instintos me transportam para esconderijos profundos, provocam segundas intenções subterrâneas. Por toda parte reina a anarquia dos instintos.

Vida, felicidade, instintos se confundem. Mas não é o prazer a chave que nos leva à verdade, à saúde e à felicidade?

Uma coisa ainda não disse: muitas e diferentes mulheres já passaram em minha vida, e cujos nomes eu trago no espírito e no coração. Hoje povoam meus sonhos.

Uma a uma, elas faziam as horas correrem mais rápido. Uma são sagradas e eu as consagro em meus pensamentos de cada dia. Outras chegam como lembranças em meus sonhos eróticos das noites solitárias. Algumas ferventes em ondas de sulfúrico, sempre acesas torram as garras em meu corpo, nos meus suspiros, lágrimas e amores. Todas me excitam e toleram meus delírios.

Nos seus braços, em corredeiras de lagos solitários, devaneio. Pelas correntes, flagelos e sensações que escorrem de mim, até as pedras guardam verdades, zelam por segredos de outras esperas.

Ao sabor do vento, a galgar espaços desta manhã, passam loucas nuvens ligeiras como patas de corcel.

Pensamentos me levam a Sueli, aquela que nunca chega ao fim, está sempre com fome, insaciável, na esperança de novas luzes que se acendem depois que a noite se for, deixando longo refletir. Enquanto espero para ver a cabrocha, ajeito com o pente os restos de cabelo que me restam. E a vida pesa menos que balaio de penas.

Lembro-me de você como a amante que sabe o que quer da vida e não se deixa pertencer. Abria os dentes quando chegava e, de mansinho, se instalava no infinito de nosso refletir.

Nos segredos do amor, sabe sempre como chegar lá.

Comunicativa e envolvente, no mágico instante do adeus, nem sabemos se fomos felizes. Sensualidade à flor da pele, atrai olhares por onde passa.

Entre os limites da tapera é gata, é tigresa, é um grande perigo no meu desejo de frágil ventura. No começo eu a olhava de mansinho, de rabo de olho. Depois nossos olhares trocavam carícias.

Logo, noite caída, eu ficava esperando a hora chegar. Ah! Quem me dera com palavras explicar toda a força da paixão, das dores, das incertezas do que vier. Se eu disser que nada tenho, nada é preciso, é porque tenho você.

Eu e você, Sueli! Nesta hora somos uma coisa só. Nas curvas deste penedo, enleio meus dedos e sangro desejos. Eu me engracei com esta mulata mais clara do que eu. Era mesmo um amor mais lindo. Era terra, carne, melado de luxúria. Fui me pregando, me apegando, ficando todo besta pela cabrocha. Eu me perdia como animal. Eu me lambuzava de luxúria, moleca Sueli. E eu babado de contentamento sentia que eu me derretia livre em melado gostoso que me molhava as pernas.

Era bom demais!

Bacate não podia entender.

Acabrunhado, baixei o biombo feito de papelão, sem nada explicar.

Eu me seguro no balanço do mar. O azul do céu, o canto das andorinhas na beira-mar e até a cabeça do Lagarto que faz lambança e se esconde agora, ofusca o sol que teima em não colaborar. As pontes altaneiras que enfeitam a doçura desta Ilha do Mel, tudo me faz sonhar, delirar, pensar, desejar você, Sueli.

Lembro de suas risadas de espantar os pombos da praça e a fazer gritar os galináceos.

Nas ondas revoltas de pensamentos loucos, no alvorecer e no repouso há muito o que meditar. Nunca nenhum negro fora tão cativo como fui. Quando me falava de amor, eu sofria que nem cachorro faminto. Limpava minha cara com pano úmido, tirava minha roupa e logo se despia por completo.

Penso em Fabíola com muito amor para dar e desejoso por receber. Pode vir sem saia, sem dinheiro, sem batom, mas não se esqueça da peruca loura que tanto gosto. Vai ser muito bom para

as divertidas e gostosas brincadeiras que faremos participar. Seu jeito gentil e simpático atrai atenções. Você é tudo que o diabo gosta. Vem a mim para acalantar esta alma descrente, como se o mundo fosse meus sonhos de eternidade e só aqui, entre paredes enegrecidas e o nada do teto, pudéssemos parar o tempo e construir um mundo novo.

Torrentes, flagelos fazem ebulição dentro de mim.

Solas gastas e velhas, sabedorias desperdiçadas neste espelho de alma triste fazem fricote na minha extrema solidão.

Por trás da brincadeira, muita cumplicidade.

– Tira a roupa meu bem! Nada mais a pedir. Dava seu corpo indiferente ao destino. Se chovesse ou fizesse sol, flores brotariam.

Princesa Júlia, seja esta noite um marco de mil projetos. Você é a amante enamorada que à minha porta chega sempre quando o frio aporta mais perto. Daremos as mãos, espantaremos sombras, entre abraços e, nos sôfregos beijos, provaremos que nos embates do amor seremos imbatíveis. Lavamos a vida, espalhamos amor. Por você eu sorrio, Julinha. A alegria de amar você e a sentir arfar e suspirar de desejos incontidos ensangentam as corruptas presas. Até os anjos param para contemplar nossa volúpia e o mundo fica mais belo. Papai do Céu, lá de cima, devia abençoar nosso amor tão bonito. Humildes e amorosos nos entregamos sem limites.

Paixão invejável pela vida eu sorvo, sua alma pura, franca e leal. Daqui fico na torcida, minha princesa querida. Saiba que a desejo e quero em meus sonhos mais vibrantes.

E quando eu perder a humanidade e desta vida eu já proscrito, não leve eu, para a sepultura, a desventura de amar em vão.

Virgínia casta, virgem Virgínia sonhadora. Preza a liberdade e gosta de resolver sozinha seus problemas, sem pedir conselhos. Não gosta de comandar e nem receber ordens. Lucidez incomum na censura de coisas e pessoas.

*As curvas do Penedo,  
o balanço do mar,  
o azul do céu,  
o canto dos pássaros  
do Lagarto à beira-mar.  
As pontes altaneiras,  
enfeitando a Ilha,  
tudo  
faz sonhar,  
delirar,  
pensar  
e amar você.*

Ainda guardo comigo um velho desejo. Nunca o revelei, mas também nunca esqueço, no desespero de nossas vidas, aquilo que ficou para trás. Vem na memória a imagem de cada mulher que me fez feliz entre ardentes carícias e corpos cansados de prazer.

Como planta esguia entre espinhos, Jurema se impôs altaneira. Para qualquer disputa estava sempre alerta. Nem mais nem menos que ninguém. De olhar firme de quem gosta de dizer verdades, não nega fogo e no amor é uma ardente paixão.

Heroína nos gestos de entremez, nas grandes contorções de prazer fazia rir, chorar, querer viver de amor.

Ungida pela luta heróica da sobrevivência, mesmo entre mímicas e bofetadas, sabe dizer graça e até fazer morrer de prazer. Suas mãos macias tomam conta deste mundo, me deixam rijo e me derreto em profusão.

Em noite de luar, as visitas eram mais demoradas. Sempre preparava carinhos novos. Cheirava a cremes que se vende de porta em porta e tinha o rosto acinzentado de pó de arroz.

Berenice é portadora da vitória. Sabe sempre o que quer. Com

determinação, quer segurança no prazer. Está sempre preocupada com o financeiro. Gosta de dividir experiências e deixou lições profundas de amor e ódio. E eu que gosto de emoções fortes, deixe-me dizer: Berenice, eu gosto de você.

Como descendente do mar, Ofélia chega charmosa, amável, expressiva, criativa, curiosa, misteriosa...

Aguça fantasias, disfarça realidades e não consegue controlar sua mania de falar. Pode parecer fofoqueira.

Roliça e gorda, Zuleica não era. Mulata linda, gostosa, cor de jambo, isto sim ela é. Seu olhar fera me provoca arrepios. Gosta de guardar privacidades e não dividia seus muitos segredos. Alma orgulhosa, ela repudia a dor tripudiando a lei. Com grande coração, procurava a felicidade que um dia virá. No amor, com altivez madrasta, ela rouba a presa, domina, arrasta.

Carmem, como a famosa cigana, usa seu charme para seduzir os homens. Como a charmosa que Bizet popularizou em ópera, é sonhadora e altiva, é real e curiosa, temperamental. Sabe enfrentar a realidade.

Quando estamos a sós, Ligia se sente à vontade e consegue tirar de letra qualquer desentendimento. Cada coisa no seu tempo, cada coisa em seu lugar. Na hora do amor, nada é difícil, nada pode perturbar.

Marta, como o irmão de Lázaro e de Maria, é soberana nas lides do lar. Exagerava em cuidados com a pessoa que amava. Sempre a trabalhar que nem abelhinha, não descuida das coisas da casa. Amo você com vontade, desejo você com todo tesão.

Felícia, romântica, tem muito amor para dar. Gosta de inovar. A imagem dela fica no meu coração como uma aparição de sonho.

Das Dores!

Em que momento deste nosso caminhar nós nos encontramos?

Em que instante da minha vida eu percebi você?

Todos os meus dias eram como noites cheias de infortúnios. Os dias passaram e eu fui me acostumando com sua presença constante, desinteressada. Hoje eu descobri, afinal: o pedaço de mim que faltava era você.

*Esta paixão que se alastra,  
se instala serena e mansa,  
já toma todo o espaço  
do meu pobre coração.  
E se enraíza,  
se fortalece  
no amor de mãos quentes,  
nos olhares compartilhados,  
nas escolhas certas,  
na inteira doação  
mesmo entre incerta emoção.  
Amo tudo em você:  
suas trevas, sua luz,  
seu passado e até o infinito.  
Todo meu ser canta e se regozija  
quando estou com você.  
E dentro de mim cresce,  
se avoluma, agiganta,  
a história deste amor  
ainda não vivido.*

## Nosso Lar

*Nos conflitos das relações humanas,  
na luta contra o Bem e o Mal:  
DEUS, O MUNDO, O OUTRO.  
No encontro com o irmão,  
entre flores ou espinhos,  
sempre busco a perfeição.  
Entre a unidade referencial  
e a subjetividade,  
vivo em conflito,  
em eterna ebulição,  
numa procura incansável,  
em direção indefinida,  
sem nenhuma previsibilidade  
de chegada.  
Construo minha história particular  
atendendo necessidade visceral  
de pura sobrevivência.  
Deixo meu referencial,  
parto ao encontro do irmão:  
– Eu não sou eu amanhã!*

Todos os dias leio notícias em jornais que recolho no lixo. São notas de um homem que foi assaltado no calçadão da praia, da criança vítima de bala perdida, do sofrimento de pessoas na fila da saúde, da enfermeira que trocou o medicamento. Apesar de tudo isso, me visto, tomo café, enfrento a rua com atitude e faço o meu trabalho com renovado otimismo.

E não se esqueça, Bacate. Nós conhecemos de perto a miséria

e o lixo da sociedade. O lixo, com seus restos e objetos, é vendido para permitir nossa sobrevivência.

No fim de um dia de trabalho, ao alcançar uma nova conquista, eu me sinto fortalecido; estou sempre aumentando o meu poder de vida.

Sempre busquei o melhor que a vida tinha a me oferecer e, com determinação, decidi não morrer sem libertar todo o potencial de amor que me foi legado. Combati a negligência, a preguiça e não medi esforços. Cresci.

Sei que hoje ainda estou às portas do desconhecido. Ninguém pode dizer o que ainda temos pela frente, mas sei que do Senhor vem toda a previsão.

A vida é cheia de montes e vales por onde nascem rios cujas correntes irrigam desertos e abastecem as cidades. Nunca me contentei com a sombra dos vales, nem vociferei contra a aridez dos montes. Sempre persegui novas conquistas, aspirei por uma vida mais nobre, mais perto de Deus.

Tive paciência.

Durante muitos anos recolhi material nas ruas, fiz meu trabalho movido pelo ideal de possuir um abrigo para morar. A verdadeira felicidade só vem quando nos entregamos por inteiro a um propósito.

Eu sou feliz!

Mentalizei, invoquei minha fé, trabalhei. Pude até economizar!

Hoje tenho onde morar. Tenho um abrigo onde posso ver o sol amigo, me dedicar à rima... à pena... à insônia... ao sonho... Apreciar o céu... agradecer... ser feliz.

Tenho um lar, doce lugar onde posso ficar. Tudo que fiz valorizar me realiza e me faz feliz. Aqui me sinto seguro e tenho a certeza de que o mundo nunca vai acabar. No aconchego do meu canto, muitas coisas vou recordar.

De manhã o passarinho vem me acordar. E com o seu suave canto me estimula a trabalhar...

Eis o meu lar!

Travei muitos e grandes combates, suporrei dores com alegria, segurança, consolação e felicidade. Finalmente, todos os meus sentidos serão voltados para agradecer esta minha conquista. Meu lar é uma grande conquista que divido com Das Dores e Bacate. É o paraíso que procuro quando quero me encontrar. Agora eu fito o céu, a terra e o mar.

Ave fagueira corre ligeira pelo céu do meu viver. O mar verde, salpicado de luzes da cidade, emoldura a paisagem.

Daqui eu vejo um lugar muito especial. É a prainha de Santo Antônio. Da janela posso apreciar o Monte Álvaro e o Moxuara, além de belas paisagens do maior manguezal urbano do país, na foz do Rio Santa Maria da Vitória.

Ao lado do manguezal, a Ilha das Caieiras com seus restaurantes que servem a melhor moqueca capixaba da região, ao som das toadas do Congo do tambor de São Benedito.

Deste lado da ilha, o sol tropical resplandece o azul do mar e o verde das montanhas. Esta paisagem propicia momentos de relaxamento e reflexão.

E graças ao Senhor que me acompanha, a minha vida está agora inundada de alegrias e minha alma se ergue em Celeste Esperança.

## Senhor, Tu eras aquele que encontrei um dia...

Era, eu sei e não o esqueci.

E O vi a andar pelo meu caminho, seguindo fielmente meus passos, na longa fila dos sofrimentos.

O sofrimento é sempre um mal, uma perda. Ele pode nos afastar ou nos aproximar de Deus.

Mas, não se esqueçam, se suportamos o sofrimento com amor, podemos transformar a vida. Somos nós próprios que fabricamos a felicidade, a cada dia...

Só o amor dá significado à vida.

Apesar de tudo, eu tomo café, enfrento a rua com atitude e faço meu trabalho com renovado otimismo.

No fim de um dia de trabalho, ao alcançar uma nova conquista, eu me sinto fortalecido. Sempre estive aumentando o meu poder de vida. Sempre busquei o melhor que a vida tinha a me oferecer e, com determinação, decidi não morrer sem libertar toda a força do amor que me foi legado. Combati a negligência, a preguiça e não medi esforços. Cresci.

Sei que hoje ainda estou às portas do desconhecido. Ninguém pode dizer o que ainda temos pela frente, mas sei que do Senhor vem toda provisão.

Tive paciência. Durante muitos anos recolhi material nas ruas, fiz meu trabalho movido pelo ideal de possuir um abrigo para morar.

A verdadeira felicidade só vem quando nos entregamos por inteiro a um propósito.

Estou feliz!

Tenho à minha frente a baía de Vitória e todo o manguezal. Navegar por estas águas é um dos grandes prazeres do turista que

se aventura em veleiros que partem de Camburi e navegam entre diversas ilhas, o Convento de Nossa Senhora da Penha, o Forte Piratininga e a Prainha, o antigo Forte de São João, o Penedo, o Porto de Vitória, a Ponte Florentino Ávidos e o manguezal que ainda existe em nosso litoral.

Hoje é dia de se comemorar. Foram lançados cerca de vinte mil megalomas de caranguejo da espécie uçá no manguezal. O repovoamento do manguezal é uma ação pioneira e visa garantir a sobrevivência das famílias que vivem da cata de caranguejos. Visa ainda preservar o hábito do consumo de caranguejos em bares, restaurantes e residências.

Vocês entendem a importância deste fato?

*A memória infantil deste sonhador,  
que não mais distingue o vivido do inventado,  
vem vazar em versos a inspiração de uma vida sofrida:  
alçapões, palavras, confissões... notícias humanas.  
Cada poeta inventa sua própria mitologia  
e eu me pergunto, não conhecendo a verdade,  
o que fiz para merecer tanta felicidade?  
Obrigado, Senhor, porque eu O encontrei um dia.*

... e assim Das Dores, Purumé e Bacate iniciam uma nova vida.

*“Minha alma proclama a grandeza do Senhor.  
Meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador!  
Sim, Ele olhou para a humilhação de sua serva.  
Doravante, todas as gerações me felicitarão.  
O Onipotente realizou grandes obras em meu favor.  
Seu nome é santo!”*

**Lucas, 1.46-49**

*“Vai, pois, escreve isso numa tabuinha perante eles,  
escreve-o num livro, para que fique registrado para  
os dias vindouros, para sempre, perpetuamente.”*

**Isaiás, 30:8**